



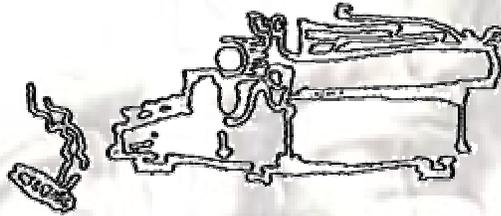
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Silenciando peças e criando lacunas:
uma análise da trajetória integralista
na biografia de Luis da Câmara Cascudo
(1932-1945).

Arthur Luis de Oliveira Torquato

Natal/RN
2008

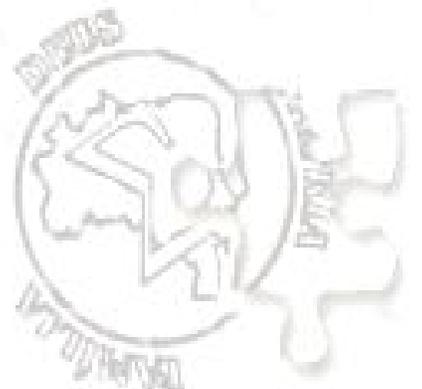
ARTHUR LUIS DE OLIVEIRA TORQUATO



**Silenciando peças e criando lacunas:
uma análise da trajetória integralista
na biografia de Luis da Câmara Cascudo
(1932-1945).**

Monografia apresentada como requisito de avaliação da disciplina Pesquisa Histórica II (DEH0046), do Curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob orientação do Professor Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior, para fins de obtenção do título de Licenciado e Bacharel em História.

**Natal/RN
2008**



ARTHUR LUIS DE OLIVEIRA TORQUATO

**Silenciando peças e criando lacunas: uma
análise da trajetória integralista na
biografia de Luis da Câmara Cascudo (1932-
1945).**

Monografia apresentada como requisito de avaliação da disciplina Pesquisa Histórica II (DEH0046), do Curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob orientação do Professor Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior, para fins de obtenção do título de Licenciado e Bacharel em História.

Aprovada em _____ de junho de 2008.

Nota: _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior (Orientador)

Prof. Dr. Raimundo Nonato Araújo da Rocha

Prof. Dr. Hélder do Nascimento Viana

Prof. Dr. Renato Amado Peixoto

**Natal/RN
2008**

*Tenho plena consciência de
que quase sempre tento
escapar de situações
desagradáveis e dramáticas
pela porta do humor (...)
Seja como for, acho isso mil
vezes preferível a assumir
ares de herói ou mártir.*

Érico Veríssimo

Aos meus pais Luis e Fátima

por...

tudo.

AGRADECIMENTOS

De tudo que fiz nesse trabalho essa deve ter sido a parte que mais pensei para escrever, justamente pelo medo de cometer as velhas injustiças de esquecer algumas pessoas que foram muito importante, não só em minha vida acadêmica, mas, também esquecer aqueles que me ajudaram a ser uma pessoa mais humana e feliz. Portanto, aqueles que não forem mencionados, mas sabem da importância que exercem em minha vida, saberão também que o esquecimento foi devido à minha dispersão clássica.

Acho que não poderia ser mais justo do que iniciar esses agradecimentos lembrando da importância que meus pais tiveram. A eles agradeço por tudo que me proporcionaram e ainda hoje me proporcionam, principalmente no que diz respeito ao lhe dar com as pessoas e o respeito que devemos ter para com o próximo que, de alguma forma, nos cercam. Minha mãe é o maior exemplo de força e perseverança que tenho na vida, a mulher que tem sempre o sorriso mais franco e a força de vinte locomotivas quando encara um problema e, no final, ri como se seu esforço tivesse sido prazeroso passando a tranquilidade necessária para que outros possam sorrir das situações. Meu pai é simplesmente o homem mais educado e generoso que conheci até esse dia, o homem que melhor sabe representar a figura do que é ter respeito pela vida humana. Nunca vi (com exceção do meu avô Josibel) uma pessoa respeitar tanto outra como meu pai faz, acredito que isso é que me faz acreditar que as pessoas possam um dia ser mais feliz, assim como meu pai e minha mãe são, o que, conseqüentemente, faz aqueles que estão em sua presença pessoas mais felizes e amáveis.

Não posso de forma alguma esquecer de agradecer minha tia Cristina, ela que é minha mãe há quase dez anos tem sido sempre uma confidente fiel, inteligente e alegre. A Dudu e Jorginho que me fazem lembrar o quanto é bom, ainda, ser criança, e a Jorge, que me forneceu muitos filmes quando precisei esquecer da vida em momentos difíceis. Ao meu avô Josibel e minha avó Socorro que continuam sendo o exemplo vivo de como pessoas diferentes podem ser felizes e viver assim por toda uma vida. A tia Kátia que sempre foi gente fina comigo e tem se mostrado uma pessoa super atenciosa. Encerrando o plano familiar, não posso esquecer de Bel. Mesmo com nossas desavenças do passado ele continua sendo um espelho para mim no que diz respeito à perseverança, além disso, se não fosse uma conversa que com ele tive a uns oito anos atrás talvez eu nem estivesse aqui escrevendo essas linhas.

Na UFRN conheci muitas pessoas que contribuíram com ingredientes que me enriqueceram como pessoa, fosse no caráter, na alegria ou na responsabilidade. O que dizer da UFRN sem o sorriso constante de Bruninha que sempre me presenteou com seus sorrisos aconselhadores? E minhas tardes (regadas a café, risos e mais risos) sem Conceição, Íris e Eva na minha casa dentro da UFRN que foi o LABRE? O que dizer da galera da cantina então? Homer com certeza um amigo pra toda a vida, assim como Jordane e Joaquim. João Ramon e nossas hilárias histórias nas mesas brancas de Nicodemos. Thaíssa e Nelson, meus primeiros colegas de curso. As amilgas e suas conversas complexas, as minhas risadas com Aurinete (a corinthiana mais linda desse mundo!) e as tardes no IHGRN com Dona Lúcia e as manhãs com Daliana no Memorial Câmara Cascudo não podem ser lembradas apenas em pensamento, devem ser escritas e seguidas de um “muito obrigado!”.

Não posso, nunca, deixar de agradecer aos dois principais referenciais de historiador que tomarei para minha vida: Durval e Nonato.

Durval foi aquele que me fez perceber que com responsabilidade, comprometimento, dedicação e força de vontade nós podemos alcançar estrelas e tocar, não a lua, mas Júpiter, Saturno e quem sabe até Plutão. Sem dúvida ele foi aquele que viu na ovelha desgarrada um fiozinho de esperança, sendo assim, espero não ter decepcionado meu mestre e meu referencial de pesquisador, aquele que me ensinou o quanto é belo o ofício do historiador.

Se um dia eu for um professor dedicado, competente e cúmplice dos alunos, com certeza eu serei um décimo do que Nonato é para seus aprendizes. Sem dúvida essa foi a pessoa mais apaixonada pelo ensinar história que conheci na vida, desde a forma de se entregar ao ensino à paixão de ler para os alunos os textos em que lecionava em suas aulas. Creio que se não fosse ele meu professor durante o 5º período de curso, eu teria abandonado meu curso. Logo, Nonato é o responsável por reacender a minha paixão pela história e por me mostrar que o professor de história tem uma das mais dignas funções da humanidade: ensinar pessoas a serem humanos, e isso Nonato faz e ensina com maestria.

Não posso esquecer daquele que foi o maior incentivador de todos e que apostou todas suas fichas em mim. Neto foi aquele que se tornou, creio que para sempre, o mais confidente e confiável amigo que terei na vida (no mesmo patamar do Snap). Há muito tempo Neto deixou de ser amigo e passou a ser cúmplice, o que me faz dizer a todos o quanto o admiro como ser humano, historiador e irmão. Obrigado por tudo.

Ah! Tenho que agradecer ao Snap e a Taísa que mesmo de longe são meus amigos cúmplices mais antigos que tenho. Nossa cumplicidade passa por segredos que só nossas mentes são capazes de entender. Snap e Taisa vocês não sabem o quanto fazem falta em meu dia-a-dia.

Creio que há algum tempo o presente mais importante que ganhei na vida foi a chegada de Joyce em meu cotidiano. “O meu amor” que “tem um jeito manso que é só seu” me faz hoje uma pessoa feliz, mais calma, me ensinando o quanto a vida vale a pena ser vivida, além de me fazer ver o quanto é belo a relação de respeito e dedicação ao outro, e o quanto o amor pode ser mais bonito se construído com respeito, carinho, sorriso e dedicação. Ah! Além disso, ela foi a diagramadora oficial da minha monografia, isso não pode passar em branco. =>

Por fim gostaria de agradecer ao maior cúmplice que tenho na vida: Felipe. Hoje ele é a pessoa que tenho mais admiração e respeito e, ao mesmo tempo, é aquele que me faz ver o quanto é importante fazer os outros felizes e ser feliz. Acho que sem ele eu seria um pouco mais triste, meus dias chatos passariam mais lentos e eu não conheceria o caráter mais sincero e alegre da vida. Viver sem sua companhia, sem suas conversas, sem sua gargalhada (que agora ouço no quarto ao lado) e sem suas histórias, tornaria a vida um pouco mais monótona e chata.

Ao meu irmão e a meus pais dedico cada linha desse texto que, ao mesmo tempo em que exigiu seriedade e comprometimento, foi recheado do bom humor e do respeito que esses três continuam a me ensinar todos os dias, a cada hora e minuto da minha vida.

Obrigado.

RESUMO

Este estudo tem por objetivo analisar a trajetória integralista de Luis da Câmara Cascudo e o repentino silenciamento, o estabelecimento de uma lacuna sobre esse evento nas mais variadas biografias acerca desse importante erudito brasileiro. Analisando-se as décadas de 1930 e 1940, tencionou-se estabelecer, motivos, acontecimentos e práticas discursivas que obrigaram o silenciamento do Cascudo integralista. Em um primeiro momento analisamos a conjuntura histórica, política e social dos anos 30 que favoreceram a aproximação de Cascudo com o Movimento liderado por Plínio Salgado, a Ação Integralista Brasileira, evidenciando os momentos de crise financeira e ideológica do referido intelectual. Em seguida, e já trabalhando sobre o já integralista Cascudo, buscamos entender qual foi a função de Cascudo dentro da organização, da ideologia e da propaganda integralista, analisando os escritos do erudito dentro das publicações da AIB. Por fim, em um último momento, procurou-se estabelecer o vínculo entre o processo de silenciamento do Cascudo integralista e a relação dele com o Estado Novo, evidenciando os motivos que levaram à criação da lacuna na trajetória biográfica de Câmara Cascudo durante a década de 1930.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
CAPÍTULO I OS SENTIMENTOS INFLUEM NAS POSTURAS.....	19
<i>1.1 De como se processou a ligação entre a AIB e Cascudo.....</i>	<i>23</i>
<i>1.2 A entrada na AIB e a busca por identidade.....</i>	<i>28</i>
<i>1.3 Letras, cultura e a atração pelo projeto Integralista.....</i>	<i>31</i>
<i>1.4 O Projeto, a união e o que os atraiu.....</i>	<i>35</i>
CAPÍTULO II OS ESCRITOS CASCUDIANOS E A OPORTUNIDADE DE EXPRESSAR-SE POLITICAMENTE.....	44
<i>2.1 A necessidade de alianças e o uso das máscaras no cenário político.....</i>	<i>45</i>
<i>2.2 Ideologia e propaganda: a busca de uma posição de produtor de saberes dentro dos quadros da AIB.....</i>	<i>50</i>
<i>2.3 O escafandrista: a busca do verdadeiro brasileiro nos arrecifes da cultura.....</i>	<i>54</i>
<i>2.4 A função de defensor e tradutor dos escritos integralistas.....</i>	<i>58</i>
CAPÍTULO III O PROCESSO DE SILENCIAMENTO DA BIOGRAFIA VERDE.....	66
<i>3.1 Capanema: A necessidade de todo letrado nacionalista.....</i>	<i>70</i>
<i>3.2 Novas ordens, novos discursos, um só silêncio: o processo de silenciamento de um (ex)Camisa Verde.....</i>	<i>78</i>
CONCLUSÃO.....	86
BIBLIOGRAFIA.....	91

INTRODUÇÃO

Na infância, assim como quase todas as crianças, possuí quebra-cabeças. O problema dos quebra-cabeças é que exige trabalho, mas com muita paciência e tempo se constrói uma imagem perfeita, toda inserida dentro de uma lógica, desvendando quase sempre um belo cenário ou a figura de um sujeito.

O problema dos meus quebra-cabeças é que eram vários, de variadas paisagens e todos de uma mesma marca, e, dentro da minha desordem de criança (que, por sinal, me acompanha até hoje) guardava todas as peças misturadas em uma caixa de tênis preta. Meus problemas só aumentavam, na medida em que eu desejava montar um castelo e várias partes de cavalos, árvores, cachoeiras e, até mesmo, os *smurfs* me atrapalhavam na busca pelas peças que construiriam meu castelo.

Devido a minha grande capacidade de desordem infantil, o castelo sempre terminava sem um pedaço da torre, o portão parecia ficar aberto e as janelas perdiam todo seu belo formato medieval, ganhando os contornos imprecisos e toscos de uma peça contemporânea de *puzzle*. Mas, para meus olhos de criança, não existiam problemas. Afinal, era muito provável que eu tivesse perdido, e quando alguém me perguntasse pelas lacunas, representadas pelo colorido do chão no qual a paisagem estava montada, eu simplesmente silenciaria as peças que ali faltavam e oficialmente as declarava descartadas por toda eternidade. Mal sabiam eles que bastava uma cuidadosa busca em minha caixa de tênis preta, separando e reunindo os quebra-cabeças, para que se revelassem as ditas peças “oficialmente” silenciadas por mim.

Durante o tempo que trabalhei e viajei pelo imaginário integralista de Luís da Câmara Cascudo fiz o papel daquele que, curioso com as lacunas existentes nas biografias desse erudito potiguar, foi atrás, não da paisagem montada, do cenário sem peças, do discurso

já construído, mas da caixa preta que guardava as silenciadas verdes peças da biografia de Luís da Câmara Cascudo.

Na trajetória de vida construída pelo erudito potiguar encontramos importantes momentos da sua preciosa pesquisa etnográfica, da sua intimidade com Mário de Andrade, da sua amizade com Gustavo Capanema; aparece sua riquíssima e admirável bibliografia pessoal, sua provincianisse incurável, sua estreita e tortuosa relação com a imponente Academia Brasileira de Letras, mas onde foi parar o Cascudo integralista? Sua estreita amizade com Gustavo Barroso? Sua importante e influente posição dentro da Ação Integralista Brasileira, como Chefe Provincial e membro da Câmara dos Quatrocentos? Afinal, onde estão e por que essas peças do *puzzle* foram silenciadas e se tornaram lacunas na paisagem de vida de Câmara Cascudo?

Em dois anos de pesquisa cheguei a algumas conclusões. A caixa preta não foi ao todo revirada, pois não passa em minha mente a presunção de ter encontrado todas as “peças verdes” da biografia de Cascudo. Ao contrário, devo afirmar que consegui preencher poucas lacunas desse tortuoso e mal montado quebra-cabeças. O que posso afirmar com firmeza é que completei as partes que me interessavam. Mesmo não me satisfazendo por completo, afirmo que consegui responder às interrogações acima e mais, traçamos sugestões plausíveis para explicar a eufórica entrada e a meteórica trajetória de Cascudo pela Ação Integralista Brasileira. De certa forma compreendemos o porquê da ausência de tantas peças verdes faltando na paisagem cascudiana.

O presente escrito tem por objetivo fornecer uma interpretação acerca da trajetória integralista de Câmara Cascudo, durante a década de 1930, período em que se percebe o mais explícito engajamento político na biografia deste que é considerado o maior erudito do Rio Grande do Norte. A análise desse período da vida de Cascudo proporcionou entender de que forma se desenvolveu a relação entre o letrado potiguar e o projeto elaborado por Plínio

Salgado. Esse projeto visava à tomada do poder através de uma revolução cultural, angariando uma quantidade considerada de letrados em suas fileiras, construindo aquele que veio a ser o maior movimento de massa e de extrema direita do Brasil. Tendo Câmara Cascudo participado ativamente desse movimento, coube-nos fazer algumas indagações: sendo um atuante membro da Ação Integralista Brasileira (AIB) e participando de toda a trajetória do movimento (de 1933 até 1937), por que essa passagem é silenciada da biografia cascudiana? Esse envolvimento de Cascudo com a AIB pode ser considerado o momento da biografia cascudiana em que encontramos uma íntima e explícita relação entre o letrado e a política, tornando este momento único para o estudo acerca da postura e da ideologia política de Câmara Cascudo.

A fim de responder tal indagação, estabelecemos as décadas de 1930 e 1940 como recorte cronológico para a análise proposta. Durante os anos 30, Cascudo iniciou o processo de aproximação com o movimento cultural de Plínio Salgado, atraído pelo caráter conservador e tradicional da AIB, vindo a estabelecer uma sólida aliança até o fim da AIB, em 1937. Já a análise da década de 40 está relacionada à mudança de discurso adotada por Câmara Cascudo no pós-1937. Com a repressão da Ação Integralista por parte do governo Vargas, em 1937, e a perseguição do Estado Novo aos insurgentes integralistas, Cascudo se viu na situação do letrado que necessitava do apoio do Estado para dar continuidade a seus escritos, e foi durante os fins da década de 30 e início da década de 40 que Cascudo adotou o discurso varguista em prol de uma manutenção do prestígio recém conquistado na sua aliança com a AIB, a partir de 1933.

Contudo, será que a manutenção do *status* adquirido por Cascudo só poderia se dá a partir da aliança com o Estado Novo, o qual lhe garantiria uma participação no projeto desenvolvido por Gustavo Capanema e seu Ministério, se não o mantendo financeiramente,

mas criando e dando possibilidades para que ele desenvolvesse seus trabalhos como erudito que prezava pela defesa do Nacionalismo difundido pelo Estado Novo?

Luís da Câmara Cascudo nasceu em 1898 e faleceu em 1986. Em seus 87 anos de vida, sempre residiu em Natal, no Rio Grande do Norte. Autor de uma vastíssima obra, Cascudo foi, e ainda é, respeitado e referência para eruditos e intelectuais. Construiu em vida a imagem do provinciano incurável, nunca residindo em outro local que não em sua cidade Natal, onde especializou-se nas pesquisas folclóricas e produziu obras sobre os mais variados assuntos. Filho de família abastada, viveu toda infância cercado por cuidados. Os pais o teriam criado de forma protetora, assim caracterizada por Cascudo anos mais tarde. Esses cuidados lhe renderam uma íntima relação com as letras, proporcionando-lhe uma vida devotada aos escritos e às pesquisas voltadas para a cultura popular brasileira, além de lhe garantir uma privilegiada posição no meio político do Estado potiguar. Sua colaboração para o plano político nacional iniciou-se na década de 30 com sua entrada na AIB.

A AIB foi formada em outubro de 1932 (gerada a partir do que mais tarde a historiografia viria definir como “Manifesto de Outubro”) por aquele que seria seu líder do início ao fim do movimento: o escritor Plínio Salgado. Suas finalidades iniciais estavam relacionadas a três pontos básicos: a) funcionar como centro de estudos e cultura sociológica; b) desenvolver uma grande propaganda moral e cívica junto ao povo brasileiro; c) implantar no Brasil o Estado Integral.¹ Esse “Estado Integral” estaria apoiado na consolidação institucional de uma doutrina cristã e conservadora centrada no culto a “Deus, à Pátria e à Família”. A defesa desses valores tradicionais era o ponto de apoio de uma elite agrária decadente que se encontrava, cada vez mais, alijada do poder e afastada dos prestígios políticos e econômicos que um dia possuíram.

¹ MONITOR Integralista. Ano 2. n. 6, maio de 1934. p. 3. In: CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932 – 1937)*. Bauru: EDUSC, 1999.

Diante do declínio do poder oligárquico, após a ação de reordenação política empreendida por Vargas a partir de 30, os membros desse grupo em todo o território nacional buscaram se reagrupar no cenário político e reconquistar os espaços perdidos. Dessa forma, o integralismo se difundiu como uma “ideologia salvadora” para a elite aristocrática nacional. Foi assim, também, que o integralismo chegou ao Rio Grande do Norte.

Ao longo da nossa pesquisa utilizou-se diversos materiais a fim de reunir o maior número de fontes que tratassem da ligação de Câmara Cascudo com o movimento integralista e que tratassem do seu afastamento deste movimento. Dentre os materiais analisados foram utilizados artigos de jornais, correspondências, algum material visual e livros tanto de Cascudo como obras referentes ao integralismo ou que nos ajudassem na definição de alguns conceitos utilizados por este sujeito. Os jornais pesquisados foram basicamente *A República* e o jornal integralista *A Offensiva*; as revistas *Anauê* e *Panorama* forneceram algumas informações importantes referentes ao entendimento de algumas situações e conceitos; e a correspondência utilizada refere-se às cartas trocadas entre Câmara Cascudo e Mário de Andrade e entre Cascudo e o ex-ministro Gustavo Capanema. As demais fontes (como livros, textos pessoais, etc) foram analisadas no próprio arquivo de Câmara Cascudo.

A pesquisa e a coleta das fontes foram realizadas no período de maio de 2006 a março de 2008. Nesse tempo, foram feitas visitas semanais ao Memorial Câmara Cascudo (MCC), que está sob a responsabilidade de Daliana Cascudo. Lá pudemos encontrar toda a biblioteca que pertenceu a Cascudo, inclusive alguns documentos muito interessantes e que foram de extrema importância para a elaboração deste estudo, como os referentes à bibliografia integralista. As publicações integralistas além de serem consultadas no MCC puderam ser encontradas na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e no Instituto Otto Guerra

em Natal². Com relação às correspondências, estas foram analisadas a partir da tese de mestrado de Edna Maria Rangel de Sá Gomes³, que realizou a coleta e a organização da correspondência entre Mario de Andrade e Câmara Cascudo no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) e no MCC, respectivamente. As cartas de Cascudo para Capanema foram consultadas no CPDOC, núcleo da Fundação Getúlio Vargas que reúne documentos escritos e audiovisuais sobre a Era Vargas. Durante a análise das fontes, tencionou-se entender de que forma Luís da Câmara Cascudo atuou na AIB, verificando quais fatores o atraíram para que ele aderisse ao movimento integralista, de que forma se deu sua atuação dentro do movimento e como se processou o silenciamento de sua trajetória integralista.

Este estudo está inserido dentro do campo da História Política por abordar questões relativas à passagem da vida de Câmara Cascudo fortemente marcada por seu engajamento e sua participação política explícita e atuante. Buscamos entender as técnicas e estratégias de silenciamentos do discurso promovidas por Cascudo, recortando uma pequena passagem da biografia política desse sujeito. De forma geral, não trabalhamos com as estruturas e a macro-história, ao contrário, analisamos o discurso cascudiano dentro de uma proposta da micro-história, analisando o sujeito e suas ações para perceber de que forma os letrados conservadores brasileiros se posicionaram politicamente nas décadas de 30 e 40.

Nossa proposta de trabalho pretendeu situar a interferência dos saberes e dos poderes dentro da estratégia de construção discursiva de Cascudo. Além disso, desejamos compreender como esses interferiram no silenciamento da sua trajetória política nos anos 30, de modo a entender “a relação entre as diferentes práticas sociais [através dos discursos

² Cabe já anunciar que Otto de Brito Guerra foi uma importante liderança dos quadros integralistas no Rio Grande do Norte. Diferente do que é comum entre os antigos membros integralistas, ele não se desfez do material referente a esse movimento dos anos 30.

³ GOMES, Edna Maria Rangel de Sá. *Correspondências: leitura das cartas trocadas entre Luis da Câmara Cascudo e Mario de Andrade*. Natal, 1999.

silenciados e silenciadores] e a pluralidade e onipresença não do poder, mas dos poderes”⁴ e como esses puderam ser percebidos nesse momento da biografia de Câmara Cascudo.

Para isso, utilizamos a nova perspectiva da História Política, que entende a análise política como um mecanismo de investigação “acerca das formas concretas que assume a luta pelo poder (e o seu exercício)”⁵. Com isso, esperamos identificar como as práticas políticas foram apresentadas e vivenciadas por Cascudo e, ainda, de que forma ele as silenciou, ou foram silenciadas, quando necessário na disputa entre instituições, poderes e saberes.

Encontramos na obra de Michel Foucault mecanismos para a análise do discurso em uma perspectiva que remete a aplicação de sua teoria na análise das práticas cotidianas dos sujeitos, fazendo-nos perceber práticas, táticas, saberes e poderes em situações que nos parecem, só a primeira vista, inocentes. É a partir dessa perspectiva de analisar uma fonte, como um artigo de jornal, uma foto ou uma carta, por exemplo, que pretendemos entender como se constituíram as ligações de poderes e saberes entre a AIB e Câmara Cascudo.

Ao longo do trabalho, veremos o processo de silenciamento deste evento. É importante entendermos que o silêncio é participante, ou às vezes, é uma prática discursiva completa. Entendemos que, no caso do Cascudo integralista, é a partir dos silêncios que essa história se constitui como um campo de interesse. Pensar o silêncio implica em: 1) “um esforço contra a hegemonia do formalismo”. 2) “um esforço contra o positivismo na observação dos fatos de linguagem”. 3) “problematizar as noções de linearidade, literalidade e completude”. 4) “colocar questões a propósito dos limites da dialogia” 5) “Pensar o silêncio em sua especificidade significativa é problematizar palavras como ‘representação’,

⁴ FALCON, Francisco. História e poder. In: VAINFAS, Ronaldo. CARDOSO, C. Flamarion. *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 75.

⁵ Ibid. p.75

‘interpretação’”. 6) “traçar um limite à redução da significação do paradigma da linguagem verbal. Isto significa propor uma decentração do verbal”⁶.

No primeiro capítulo procuramos analisar de que forma Cascudo se situou dentro do discurso integralista, tentando traçar os aspectos pessoais, políticos e ideológicos que uniram o erudito e a AIB, além de analisar o contexto histórico que favoreceu essa união entre eles. A semelhança entre os indivíduos e as práticas do integralismo caracterizou um grupo muito específico, típico de uma classe média em formação, insatisfeita com a política que estava sendo implementada no Brasil. Desamparados, esses “homens das letras” se viram acolhidos pelo projeto de Plínio Salgado, que sugeria a fusão entre religião, cultura, letras e conservadorismo político. Isso criaria um meio propício para aqueles homens assustados com as mudanças políticas e sociais desencadeadas pela modernidade. A questão da afinidade ideológica e conceitual ligada ao tradicionalismo, ao conservadorismo e ao resgate de valores políticos, assim como o amparo social e existencial dado pela AIB a seus membros são questões abordadas nesse momento.

Já entendendo os motivos, associações e práticas que levaram Cascudo a aderir à AIB, no decorrer do segundo capítulo trabalhamos qual a função de Câmara Cascudo dentro dos quadros de letrados do integralismo. Queremos saber de que forma seu ofício de folclorista e escritor foi utilizado pelos periódicos integralistas. Assim, entenderemos porque Cascudo foi incumbido de legitimar o movimento integralista no Rio Grande do Norte e tratar da questão nacionalista. A análise das fontes nos mostrará um erudito preocupado com a origem do sentimento de nacionalidade como forma de legitimar a AIB como um movimento tipicamente brasileiro.

O terceiro capítulo tem como objetivo entender de que forma e por que se processou o silenciamento da trajetória integralista na escrita da biografia cascudiana. As relações entre

⁶ ENI ORLANDI. *As formas de silêncio*. ENI Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. São Paulo: UNICAMP, 1997. (4ª ed.).

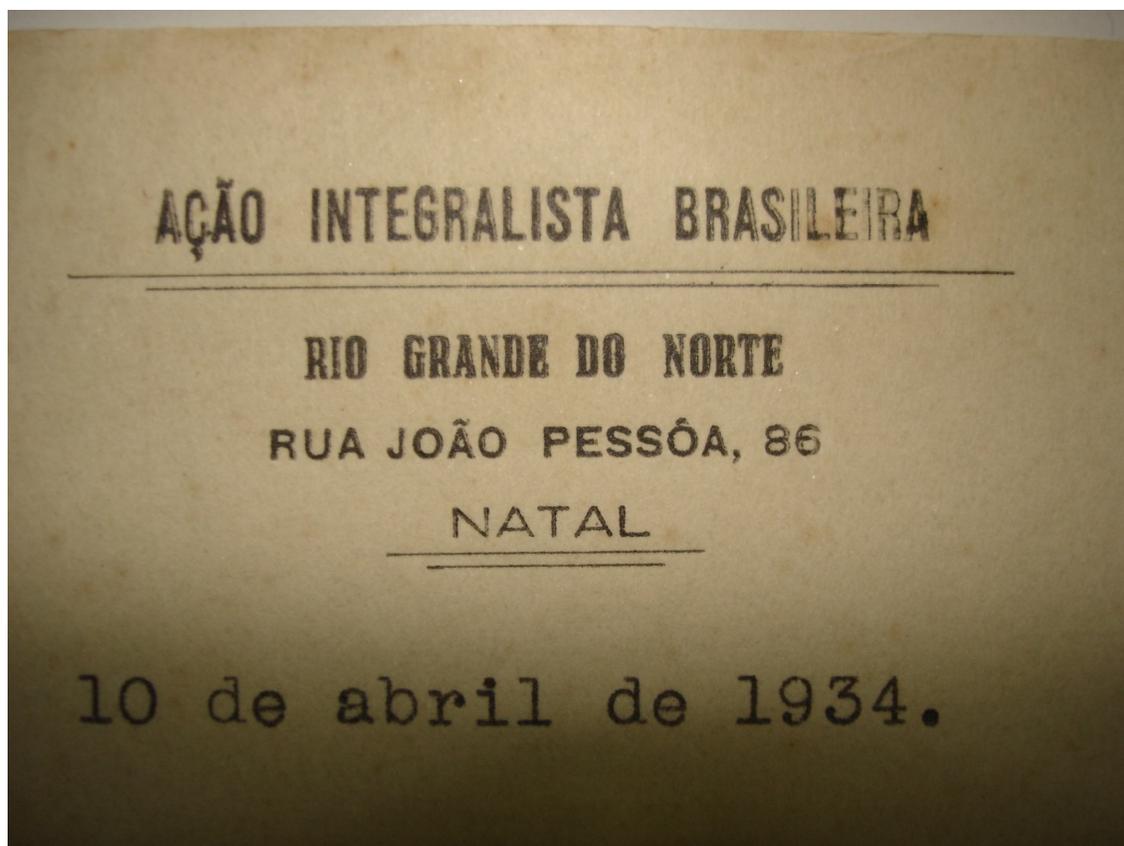
Câmara Cascudo e o Estado Novo são exploradas como uma explicação para o afastamento de Cascudo da AIB. O debate acerca do nacionalismo brasileiro acenava, novamente, como oferta de um lugar para os escritos cascudianos dentro do projeto do Estado Novo, em que estes viriam colaborar com o fortalecimento da figura do Estado brasileiro.

De forma geral, essa monografia pretende colaborar com o conhecimento de um período da biografia de Luís da Câmara Cascudo ainda sujeito a tabus e resistências vindos de diversos setores da sociedade potiguar. A trajetória integralista na biografia de Cascudo sempre obedece a um padrão: quem oculta essa passagem da vida do erudito o faz por “respeito” a imagem de Cascudo ou por medo de ser mal interpretado por familiares ou pessoas que acreditam no discurso de que “todo integralista é nazista”, o que é um equívoco. Por outro lado, aqueles que retomam a imagem do Cascudo integralista o fazem promovendo críticas em que buscam desqualificar a sua figura ou a sua obra, muitas vezes associando os participantes da AIB com o nazismo ou o fascismo europeu. Cabe ressaltar que muitos dos homens que integraram as fileiras da AIB nem sempre eram preconceituosos ou partidários da violência e participar de um movimento conservador, autoritário e de direita não era nenhum absurdo na década de 30. A contrário, ser líder em um movimento do qual fazia parte uma parcela da elite letrada nacional era questão de honra, de respeito e de reconhecimento por uma parcela destacada das elites nacionais. Cascudo estava perfeitamente inserido dentro da ordem a que pertencia e, ao contrário de muitos, assumiu sua postura sem preocupar-se com a repercussão que isso teria, pois ser integralista não era algo que a época o desabonasse.

O que se pretende mostrar nas páginas seguintes é que Cascudo foi um homem preocupado com o seu tempo, mais que isso, ele foi um homem do seu tempo. Veremos que ao participar da AIB Cascudo possuía interesses próprios, mas também preocupações com a sociedade. Medos que homens com sua formação também possuíam. Anseios e dúvidas como qualquer outro ser humano. Cascudo não é um homem diferenciado, ele é fruto da sua

formação pessoal e intelectual, fruto de uma sociedade assustada com as mudanças. Cascudo é um letrado cristão, que viveu um período de transição na história do Brasil e que por isso defendeu costumes, tradições, formas de viver e pensar de um período anterior. Valor que via com angústia, medo e insegurança se esgarçar com o passar do tempo. Cascudo, o provinciano, homem avesso inclusive à mudança territorial, era também assustado com as mudanças no pensamento, nas formas de ver e interpretar o mundo.

OS SENTIMENTOS INFLUEM NAS POSTURAS



Cabeçalho do bloco de notas de Luís da Câmara Cascudo em carta endereçada ao integralista Ribeiro Couto. **FONTE:** Acervo de correspondências da Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

CAPÍTULO I

OS SENTIMENTOS INFLUEM NAS POSTURAS

Em suma, nunca se explica plenamente um fenômeno histórico fora do estudo de seu momento (...) o provérbio árabe disse antes de nós: “Os homens se parecem mais com sua época do que com seus pais”. Por não ter meditado essa sabedoria oriental, o estudo do passado às vezes caiu em descrédito.

Marc Bloch⁷

Em 1898, nascia na capital do Estado do Rio Grande do Norte, Natal, aquele que viria a ser considerado, até nesses primeiros anos do século XXI, o mais respeitado erudito norte-rio-grandense: Luís da Câmara Cascudo. Filho do mais influente comerciante da cidade do Natal, o senhor Francisco Justino de Oliveira Cascudo – também Coronel da Guarda Nacional e famoso perseguidor de cangaceiros –, Câmara Cascudo foi cercado pelos mais variados cuidados que uma criança possa ter por seus pais, que vinham sofrendo por sucessivas perdas de filhos até a chegada de “Cascudinho”.⁸ Logo cedo, o príncipe do Tirol foi entregue aos cômodos de sua imponente casa (conhecida como Principado do Tirol por se tratar de uma grande propriedade, em formato de sítio, contendo um imenso sobrado e que se tornou o símbolo do poderio econômico da família Cascudo por muitos anos) e mantido longe das brincadeiras de rua, de bola, da terra e das subidas em árvores. Uma criança solitária, de poucos amigos, quartelada entre os burgos do principado, o que propiciou a Cascudinho

⁷ BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

⁸ O nome Cascudo não é de caráter hereditário. Tal designação foi dada ao avô do erudito potiguar por se tratar de um homem extremamente conservador e defensor ferrenho da monarquia. Conseqüentemente, o termo Cascudo (que se refere a uma alcunha dada aos conservadores defensores da monarquia brasileira) foi incorporado ao nome do Coronel, que seguiu a tradição repassando a Luís da Câmara Cascudo. O sobrenome continua a ser utilizado contemporaneamente por seus familiares.

desenvolver um olhar apurado na descrição dos corpos que visitavam sua casa. Talvez uma espécie de brincadeira com as fisionomias que acompanharia seus escritos durante toda sua vida.⁹ Com a excessiva preocupação paternal, Cascudo refugiou-se desde cedo nos livros, procurando conhecer o mundo que quase sempre era privado de sentir, substituindo o cheiro da terra e da infância pelo aroma exalado pelos papéis de suas árvores encadernadas, recheadas por tinta em formato de letras em vez de flores. Ele começou seus estudos fundamentais com o auxílio de professores particulares, que vinham ao Principado ensinar-lhe a ler e interpretar seus primeiros autores. Para isso, teve alguns dos mais expressivos nomes das letras do Rio Grande do Norte, como Pedro Alexandrino (professor de literatura clássica) e Francisco Ivo Cavalcanti (professor de conhecimentos gerais), que possuíam uma grande amizade com o Coronel Francisco Cascudo. Aliás, as amizades do Coronel e de seu filho Cascudinho viriam desde cedo a confundir-se e, com a morte do Coronel, esses velhos conhecidos tornariam-se grandes amigos do já erudito Câmara Cascudo. Vivendo dentro desse ciclo, cercado por um intenso sentimento saudosista e imerso em um reduto tradicionalista, ainda criança, Cascudo respirou e incorporou por toda vida o pensamento conservador de sua época, herdado do seu pai. Mais tarde, ao iniciar seus escritos, poria em prática sua formação educacional conservadora e suas ações tradicionais e cristãs, que lhe rodeou por toda a vida, desde sua infância até na escolha de suas amizades e de sua posição frente a assuntos acadêmicos e políticos.

Cascudo iniciou seus escritos em fins dos anos de 1910, com a publicação de artigos, críticas literárias e pequenas biografias no periódico potiguar *A Imprensa*. Esse jornal foi fundado por Francisco Cascudo, com a função de dar um espaço para que seu filho pusesse em prática suas habilidades jornalísticas. Em pouco tempo seria lançado nos primeiros anos

⁹ Sobre a relação de Câmara Cascudo e os corpos em sua obra ver: ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *Ágeis, irrequietos e buliçosos: o corpo do povo e outros corpos na obra de Luís da Câmara Cascudo*. Digitado. Disponível em: < <http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/index2.htm>>. Acesso em: 14 jun. 2008.

da década de 20, o livro *Alma Patrícia*,¹⁰ que reuniria algumas críticas literárias publicadas anteriormente em *A Imprensa*.

Durante a década de 1920, a família Cascudo parece vivenciar um processo de crescentes dificuldades financeiras, que culminam com a falência no início dos anos trinta. O Coronel Francisco Cascudo foi um dos mais importante e influente comerciante na cidade do Natal, sendo proprietário da maior Casa de Comércio de Importação e Exportação do Estado, mas que vinha acumulando contas não pagas e dívidas por toda a segunda década do século XX. Uma questão a ser considerada na busca da origem desse processo de falência, refere-se ao fato do Coronel Cascudo ser um comerciante que dependia primordialmente do cenário econômico externo. Com a crise da Bolsa de Valores de Nova York, o *crack* de 1929, acelerou-se o processo de falência do pai de Câmara Cascudo, levando-o a uma complicada situação financeira no início dos anos de 1930. O Coronel Francisco Cascudo usou seus bens para pagar as hipotecas e as dívidas acumuladas. Dentre eles, o Principado do Tirol foi a perda mais significativa para a família. Mais tarde, em um artigo publicado na *Revista Panorama*, intitulado “Conversa Sobre a Hypotheca”, Cascudo teceria duras críticas ao sistema hipotecário de que seu pai foi vítima nas décadas de 1920-30¹¹, demonstrando o quão Cascudo sentia-se incomodado com o sistema econômico moderno. Outro fator que contribuiu ou acelerou o processo de decadência da família se refere a um fator político. O ambiente político não favorecia a ajuda do Governo Local na resolução da crise do Coronel, dado que, em 1930, Getúlio Vargas toma e assume o Poder, iniciando uma política autoritária e centralizadora, promovendo uma perseguição intensa às oligarquias tradicionais, principalmente às nordestinas que há muito já não conseguiam sustentar-se economicamente e dependiam de verba Federal. Durante anos a fio, a Casa de Importação e Exportação do

¹⁰ CASCUDO, Luís da Câmara. *Alma Patrícia, crítica literária*. Natal: Atelier Typ. M. Vitorino, 1921.

¹¹ In: *Revista Panorama*. Rio de Janeiro, junho 1937. p. 45.

Coronel Cascudo teve o Governo Local como seu maior cliente, ao qual fornecia produtos e serviços estabelecendo uma prática mútua de clientelismo e de favores. Com a limitação política promovida por Vargas, instituindo a política interventorial nas capitais brasileiras, o Coronel perdeu o apoio político que era a última forma de manter o privilégio e o prestígio de sua família. O marco de decadência da família Cascudo deu-se com a saída da mesma do Principado do Tirol para a casa da Rua Junqueira Ayres, pertencente ao pai de Dália Freire, esposa de Câmara Cascudo.

Com as crescentes dificuldades financeiras do pai, iniciadas na década de 20, Cascudo foi obrigado por duas vezes a abandonar a Faculdade de Medicina. Iniciou sua graduação na Faculdade de Medicina da Bahia, em seguida, com o início do controle de gastos, foi obrigado a transferir o curso para a Faculdade do Rio de Janeiro, logo tendo que abandonar de vez o sonho de tornar-se cientista, como ele mesmo afirmava em algumas de suas autobiografias. Em 1924, continuou sua vida acadêmica, mas o curso de medicina não pôde ser concluído por motivos financeiros. Coube a Cascudo enveredar pelo ramo do direito, ingressando na Faculdade de Direito do Recife e tornando-se bacharel em 1928. Tornando-se bacharel, ao mesmo tempo em que sepultava suas ambições científicas, Cascudo preparava uma avenida rumo às letras, as mesmas que o acompanharam em todas as fases da sua vida. Mas agora as letras tornar-se-iam não mais uma ocupação, e sim uma profissão.

Ainda cedo Cascudo esteve envolvido com importantes figuras do cotidiano político e das letras. Seu pai foi homem influente e possuía força nas decisões políticas, principalmente na capital, Natal. Em 1928 (já com o andamento do processo de falência do pai e o fechamento do jornal *A Imprensa* em 1927), Cascudo passou a escrever no periódico *A República*, órgão da imprensa oficial do Estado, fundado por Pedro Velho de Albuquerque Maranhão, figura mais importante da política norte-rio-grandense no final do século XIX e começo do século XX, além de ser líder da maior oligarquia litorânea do Rio Grande do

Norte. O ingresso de Cascudo no periódico estreita, mais ainda, suas relações pessoais e profissionais com os “caciques” da política local. Algumas de suas publicações, em fins da década de 20 e durante os anos 30, foram financiadas ou encomendadas pelo Governo Local, estreitando o vínculo entre o erudito em formação e um Estado que buscava homens com a função de legitimar e resgatar o prestígio das oligarquias que estavam sendo devoradas pela política centralizadora de Vargas.

1.1 De como se processou a ligação entre a AIB e Câmara Cascudo.

Em julho de 1933, Cascudo envia uma carta ao já consagrado escritor Mario de Andrade, pedindo que lhe enviasse o endereço de correspondência do também escritor paulista Plínio Salgado.¹² Uma hipótese plausível para tal pedido pode se referir a uma primeira aproximação política entre Cascudo e Plínio¹³, tal carta pode ser reveladora e indica o início do maior engajamento político da biografia de Cascudo.

Algum tempo antes, em outubro de 1932, em uma seção solene no Teatro Municipal de São Paulo, Plínio Salgado dava início ao projeto daquele que viria a se tornar o maior e mais importante movimento de extrema direita do Brasil no século XX: a Ação Integralista

¹² Esse pedido aparece nas correspondências da seguinte forma: “o que espero receber na volta do correio aéreo é o endereço de Plínio Salgado. Ele mandou mas perdi e preciso escrever ao homem. Não esqueça, mano, desse pedido e mande logo que possa. Quanto mais rápido melhor”. Na mesma carta, à mão, Mario de Andrade escreveu o endereço que enviaria a Cascudo: “Plínio Salgado. Av. Brig. Luís Antonio, 12”. In: GOMES, Edna Maria Rangel de Sá. Anexos. In: _____. *Correspondências: leitura das cartas trocadas entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade*. 1999. 125p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1999. p. 316.

¹³ Em um artigo intitulado “O Caso Plínio salgado”, Cascudo afirma ter conhecido Plínio Salgado durante uma viagem que fizera a São Paulo em 1921. Por comparação de datas acredito que o encontro entre os dois na década de 20 nada tinha haver com política. Já os encontros e as correspondências trocadas após 1932 podem ter sido recheadas simplesmente de caráter político. In: *A República*. 01.07.1934.

Brasileira (AIB)¹⁴. Sabe-se que Cascudo tomou conhecimento do movimento integralista através do seu amigo pessoal Otto de Brito Guerra, membro de uma tradicional família noroeste-grandense e que foi contemporâneo de Cascudo na Faculdade de Direito do Recife. Além de Otto de Brito Guerra, o escritor cearense Gustavo Barroso (que mais tarde viria a formar o mais alto patamar das fileiras integralistas, tornando-se membro do conselho dos quatro) e importantes lideranças católicas do Estado, responsáveis pelo periódico *A Ordem*¹⁵, teriam sido alguns dos que influenciaram Cascudo em seu ingresso nas fileiras verdes do integralismo.

A aproximação de Câmara Cascudo com a AIB ocorreu por motivos bastante compreensíveis. Às fileiras integralistas acorreram importantes letrados conservadores e cristãos do cenário nacional. Dentre outras figuras de expressão do cenário nacional, pertenceram ao movimento integralista homens como Dom Hélder Câmara (Padre de Fortaleza que, mais tarde, em 1964, veio a se tornar Arcebispo de Olinda e influente membro da Igreja Católica no Brasil); Miguel Reale (filósofo, poeta, escritor e jurista formulador da Teoria Tridimensional do Direito e membro da Academia Brasileira de Letras); e o já citado escritor cearense Gustavo Barroso (que dentre outras ocupações foi presidente da ABL). Fundado sob o lema “Deus, Pátria e Família”, desde cedo a AIB caracterizou-se por possuir um pensamento tradicionalista, conservador e cristão, além de ser caracteristicamente um movimento com uma organização hierárquica, patriarcal e autoritária. Essa estrutura

¹⁴ A Ação Integralista Brasileira foi fruto de um grupo paulista de estudos políticos denominado SEP (Sociedade de Estudos Políticos). Essa sociedade era formada por influentes membros da política oligárquica brasileira e alguns dos principais nomes do alto-clero brasileiro. Seu pensamento era caracteristicamente conservador, autoritário e católico, o que lhe dava um status de representantes da emergente classe média brasileira.

¹⁵ A Ordem foi um importante e difundido periódico católico, fundado em 1935, que circula no Rio Grande do Norte até hoje. Na década de 1930 foi um importante instrumento de combate à ideologia comunista, além de cumprir seu papel como difusor do catolicismo. Nomes importantes como Câmara Cascudo, Dom Hélder Câmara e Monsenhor Walfredo Gurgel escreveram por anos colunas nesse jornal, que funcionou também como propagador dos ideais integralistas, dado que não existe registro de nenhum periódico integralista na capital do Rio Grande do Norte que tivesse uma grande tiragem. A Ordem foi diretamente influenciada pelo pensamento conservador, baseado na ideologia defendida por Tristão de Athayde e Jackson de Figueiredo.

organizacional aliava-se a um ambicioso projeto que visava dar aos letrados brasileiros uma importante posição e função nos quadros da política nacional. O projeto buscava um tipo de Revolução diferente daquela que aparecia no discurso comunista.

A AIB, diferentemente, não desejava uma tomada do poder através da Revolução Armada e sim uma radical mudança de comportamento da sociedade brasileira através de uma revolução cultural que mudasse a forma de pensar e agir do indivíduo. Esse indivíduo deveria passar por um processo de reeducação cultural e de uma nova tomada de consciência, para em uma etapa seguinte promover uma tomada do Poder Central, utilizando a reeducação ideológica como ferramenta e não o uso da força. E embora a AIB possuísse forças paramilitares em alguns núcleos provinciais, treinados para situações conflituosas, nem de perto a pretensão integralista foi à tomada bélica do poder.

Inseridos no projeto idealizado pela AIB, os letrados teriam a primordial função de promover tal revolução cultural. Caberia aos homens das letras trabalharem em diversas frentes de combate integralista, desde estabelecer um combate intenso às práticas comunistas; promover uma forte disseminação da ideologia integralista; angariar novos adeptos (letrados, militares e civis) para as fileiras verdes; desenvolver uma propaganda engajada e de caráter persuasivo nos periódicos, integralistas ou não; além de resgatar conceitos e práticas conservadoras que conteriam a essência do nacionalismo brasileiro, nacionalismo que estaria ameaçado de ser massacrado pelo internacionalismo bolchevique. Agregando-se a esses fatores estava o fato da AIB se declarar um movimento apartidário, preocupado em solucionar o problema da crise e da desordem que imperava no Brasil, tendo como solução restabelecer a antiga organização patriarcal, conservadora e autoritária existente no país até os anos de 1930.

Dentro do clima de insegurança, incerteza e medo presente no Brasil dos anos 30, o discurso da Ação Integralista vinha amparar a desamparada alma de Cascudo. Nos primeiros anos da década de 1930 Cascudo perdeu o seu maior referencial de homem: seu pai. Em 20 de

maio de 1935, o Coronel Francisco Cascudo foi vítima de um enfarto que o levou a morte. Com isso, Cascudo passou a acumular as funções de chefe da casa e de pai (pois, desde 1929, já se encontrava casado com Dália Freire, com quem teve no início dos anos 30 o primeiro de seus dois filhos com ela, Fernando Luís Cascudo). Segundo nota publicada em *A República*, a 21 de maio de 1935, Francisco Cascudo ocupava o cargo de presidente da Junta Comercial do Rio Grande do Norte, cargo que presidia desde a década de 10.

Rodeado por problemas pessoais e mergulhado na crise ideológica do período, Cascudo encontrou no programa da AIB o lugar ideal para situar seu pensamento conservador, além de poder traçar importantes relações com homens influentes das letras e da política nacional. O movimento de Plínio Salgado apresentava um plano revolucionário, aos moldes integralistas, no qual Cascudo poderia participar ativamente, desejoso que sempre fora de angariar projeção nacional para seu trabalho intelectual, cujo lugar nas primeiras fileiras da AIB lhe proporcionaria. Nesse momento, o integralismo promovia um discurso autoritário que soava no mesmo tom do autoritarismo difundido por Vargas, o que dava uma segurança quanto a não ser vítima das perseguições do Estado, diferentemente do oposicionismo comunista. O discurso integralista era autoritário e, de forma geral, defendia os interesses da classe média urbana conservadora, a mesma da qual Vargas buscava conquistar a simpatia. Como essa classe média em ascensão tinha acesso às idéias comunistas, para Vargas, antes ter a AIB como aliada e aceitar o seu discurso de combate ao bolchevismo, do que ficar a mercê de uma tomada das “embaraçadas” consciências da classe média pelo afinado discurso comunista. Antes um modelo de Estado autoritário alemão do que um Soviético. Mesmo que Vargas tenha sido um dos responsáveis indiretos pela crise que levou à falência seu pai, seria impossível a Cascudo inserir-se num plano superior da política nacional sem traçar um discurso semelhante ao promovido pelo Estado Interventor.

Nessa primeira metade dos anos 30, Cascudo se encontrava em situação difícil. A vida financeira da família estava complicada, tanto que em carta a Mario de Andrade, Cascudo fala da perda do Principado para os credores:

A minha situação pessoal é esta. Moramos os velhos e nós, na Avenida Junqueira Aires 393 porque os credores nos tomaram a 596 na Jundiaí (...) Continuo como professor interino de história, ganhando 500\$. À disposição da pena do interventor que demite catedráticos quanto mais interinos. Posto à margem dos ganhos por ser pôlista e perrepista (em Natal porque em São Paulo era democrata) faço milagres para viver porque a vida se encarece e eu não tenho aumento financeiro para acompanhar os preços. Cada dia devo diminuir os gastos, privando-me de hábitos velhos, inclusive de comprar livros.¹⁶

Percebe-se a crítica situação de Cascudo nesse escrito. O desespero financeiro e pessoal de Cascudo em encontrar uma pessoa que lhe desse apoio para suas produções pode ter sido um fator relevante na sua aliança com a AIB. Nesse momento, o integralismo significava a esperança de encontrar um lugar de destaque na cultura nacional, de ocupar cargos e oferecia a segurança existencial. A organização hierárquica e patriarcal da AIB dava a Cascudo um conforto espiritual, a figura do chefe, daquele que tem o controle nas mãos, representado na figura de Plínio Salgado, substituía a figura do seu pai, que perdera as forças financeiras e o prestígio político, inclusive vindo a falecer em 1935. Cascudo vivia um período de insegurança existencial, perdendo aos poucos os alicerces que sempre o sustentara, impondo-lhe uma responsabilidade que não tivera até então, logo, o discurso integralista surgia como um patamar que lhe garantiria segurança e uma forma de se erguer social e financeiramente. O projeto integralista de uma revolução cultural atraiu a atenção de Câmara

¹⁶ GOMES, Edna Maria Rangel de Sá. Anexos. In: _____. *Correspondências: leitura das cartas trocadas entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade*. 1999. 125p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1999. p. 310.

Cascudo por outro motivo peculiar ao caso: a forma de pensar a cultura na obra de Cascudo era semelhante a forma como este conceito aparecia no discurso de Plínio Salgado ou nos documentos e manifestos que deram origem a AIB. Tanto Cascudo como Salgado foram estudiosos e leitores de escritos de caráter conservador, além de terem sido homens diretamente influenciados pelo pensamento católico e filhos das oligarquias em declínio.

1.2 A Entrada na AIB e a busca por uma identidade.

Ao assumir a presidência do Núcleo da Ação Integralista no Rio Grande do Norte, em 14 de julho de 1933, Câmara Cascudo passou, ao vestir sua camisa verde, a assumir um firme discurso quanto ao seu posicionamento político e ideológico, talvez da maneira mais explícita que se encontra na biografia cascudiana:

Chefe Provincial Integralista, miliciano convicto, considero os partidos políticos meras fórmulas desacreditadas e incapazes de uma renovação social. Não pertenço a nenhuma agremiação partidária e mantenho relações íntimas com vários próceres que não ignoram a retidão de minha atitude, assumida publicamente em 14 de julho de 1933.¹⁷

O fato da AIB se denominar, em seus estatutos, um movimento de caráter apartidário foi sem dúvida uma característica levada em conta no que diz respeito à afinidade de Cascudo com o movimento integralista, principalmente ao lembrar o quão frustrado ele estava com a política nacional, uma vez que a forma moderna da política republicana pôs fim

¹⁷ *A República*. Natal, 04.09.1934.

a uma estrutura que manteve a estabilidade da família Cascudo por anos a fio. Na ótica de Cascudo, apenas um sistema de organização hierarquizado é que restabeleceria o controle para a crise e a desordem que imperava no país.

A noção de crise e desordem parece ter sido uma constante no cotidiano e no imaginário da sociedade brasileira, na década de 1930. Em seu livro, *O Estado Autoritário e a Realidade Nacional*, Azevedo Amaral usou o termo “anarquia de idéias” para definir o cotidiano brasileiro nos anos 30. Segundo ele:

Desde 1930 vivera o Brasil envolvido em uma atmosfera de confusão ideológica, no meio da qual era difícil determinar o verdadeiro sentido das correntes que se contraditavam e apreciar com acerto as tendências pessoais dos homens representativos da situação surgida do movimento de outubro. Nunca havíamos experimentado, através de todo o nosso passado nacional, semelhantes condições de perturbadora anarquia de idéias e de falta de orientação dos elementos que personificavam as forças dirigentes da política nacional. As expressões clássicas de direita e esquerda e os rótulos ultramodernos de escolas e doutrinas da atualidade podiam ser distribuídos quase ao azar, tão rápidas e surpreendentes eram as evoluções em que as peças do jogo político se deslocavam de um campo para o outro sob a pressão de circunstâncias ocasionais e de incidentes efêmeros.¹⁸

O discurso integralista voltado para a resolução dessa crise descrita por Azevedo Amaral e da desordem que apontava no cotidiano brasileiro foi um significativo atrativo para a adesão de Cascudo ao projeto de Plínio Salgado (mais à frente estabeleceremos de que forma esses discursos se associaram). A anarquia de idéias denunciada nos escritos de Azevedo Amaral torna-se fundamental na análise acerca da incorporação de Cascudo nos quadros da AIB. Antes de ser um erudito engajado no combate à crise de idéias existente no Brasil, Cascudo era um homem afetado por um variado número de crises (familiares,

¹⁸ AMARAL, Azevedo. *O Estado Autoritário e a Realidade Nacional*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938. (1ª ed.).

econômicas e profissionais) e, assim como vários outros homens de pensamento conservador de sua época, tendeu a render-se ao sedutor discurso salvador da AIB.

Cercado em seu cotidiano por figuras políticas das mais variadas posturas ideológicas, Cascudo visualizava no integralismo uma forma de se situar estrategicamente, sem necessitar vincular-se politicamente a nenhuma corrente política local. Dessa forma o erudito pôde manter-se camuflado de acordo com o terreno, variando as cores, tornando-se assim um sujeito de situação apartidária sem limitações para a adoção do discurso político que desejasse.¹⁹

Ao se afirmar como apartidário, Câmara Cascudo está ao mesmo tempo tomando uma postura política. Tentando se tornar neutro entre as lideranças locais e nacionais, Cascudo consegue criar espaços nos altos escalões da política. É fundamental perceber que, ao assumir-se apartidário, ele partilha da crítica aos partidos da democracia liberal feita pelos pensadores autoritários e que defendiam um regime forte para o país. Cascudo abominava realmente a política partidária que possivelmente levou seu pai a falência, acreditava no integralismo como movimento cultural e reformador das consciências, ao mesmo tempo em que este lhe permite permanecer equidistante das querelas políticas locais, já que a fragilidade de sua situação e a confusão política do período não lhe permitia se posicionar sem que este posicionamento pudesse lhe trazer conseqüências adversas no momento ou no futuro.

¹⁹ A AIB torna-se um partido político apenas em 1934, como forma de poder concorrer às eleições deste ano e angariar posições políticas para seus membros.

1.3 Letras, cultura e a atração pelo projeto Integralista.

Ao refletirmos historicamente sobre a primeira metade do século XX, observamos que a década de 30 é claramente um tempo especial para os olhos de um historiador político, já que é um período caracterizado por inúmeras problemáticas para aqueles que se aventuram a encarar a política brasileira desse momento.

O que chama atenção nesse período da história nacional é a quantidade de heterogêneos pensamentos ideológicos presentes na atmosfera da política nacional e a fertilidade de problemas que brotaram dos inúmeros movimentos políticos brasileiros deste momento. O Brasil viveu durante os anos 30 um campo de batalhas entre correntes de direita e esquerda, e esses embates entre correntes deram vida a uma inúmera quantidade de fontes para estudos relacionados à ideologias, partidos e personagens políticos.

O Brasil dos anos 30 era um país que vivia um intenso momento de crítica aos associados do capitalismo. O pensamento liberal e a democracia eram apontados como responsáveis pelo momento de crise existente no mundo todo, fazendo desabrochar diversos movimentos de caráter salvacionista no Brasil. Com isso, conseguimos identificar inúmeras correntes políticas. Que, muitas vezes, confundiam-se por tanta semelhança ideológica. Havia anarquistas, comunistas, republicanos, monarquistas, integralistas, e nesse baile de pensamentos confusos muitos mudavam de corrente, caracterizando literalmente um habitat propício à “anarquia de idéias” descrita por Azevedo Amaral.

Partindo dessa justificativa para interpretar as causas que levaram intelectuais, com formações políticas distintas, a aderirem ao projeto de uma revolução cultural proposta pela Ação Integralista Brasileira, na década de 1930, é que nos indagamos de que forma esse processo ocorreu dentro do movimento integralista de Plínio Salgado.

Dentre os movimentos políticos que constituíram o cotidiano e o imaginário brasileiro nos anos 30 do século XX, a AIB caracterizava-se por ter em seus quadros homens de variadas formações políticas, ideológicas e culturais. A Ação Integralista Brasileira foi um Movimento com característica organizacional fascista e autoritária, e definia-se como:

um movimento de cultura que abrange: 1º) uma revisão geral das filosofias dominantes até o começo deste século e, conseqüentemente, das ciências sociais econômicas e políticas, 2º) a criação de um pensamento novo, baseado na síntese dos conhecimentos que nos legou, parceladamente o século passado.²⁰

Suas fileiras eram formadas por membros ligados, direta ou indiretamente, aos segmentos mais tradicionais e conservadores da sociedade brasileira. Seus líderes eram, em sua maioria, militares e letrados com formação tradicional e católica, alguns descendentes de homens que compuseram direta ou indiretamente à Guarda Nacional.

Estes letrados eram, em grande parte, homens que possuíam alguma ligação com as antigas oligarquias da chamada República Velha, membros de falidas oligarquias²¹ que, após a crise norte-americana de 1929 e a crescente caça de Vargas aos poderes oligárquicos locais, estavam sendo jogados à margem das discussões políticas em suas, ainda, “províncias”, ou seja, esses “homens das letras” almejavam com o projeto da AIB resgatar seus poderes e privilégios que aos poucos estavam sendo perdidos.

Dentro de uma aparente homogeneidade entre os membros da AIB, encontramos sujeitos de características políticas diferentes. Usaremos dois desses líderes para trabalhar e,

²⁰ SALGADO, Plínio. *A Quarta Humanidade*. Rio de Janeiro: Olympio, 1934. p. 87.

²¹ Ver: MICELI, Sérgio. *Poder, sexo e letras na República Velha*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

analisando discursiva e genealógicamente²² suas idéias, buscaremos encontrar nas descontinuidades, nas lacunas dos seus discursos justamente o que fez com que homens politicamente diferentes formassem a cúpula de um movimento autoritário e conservador. Estabelecendo semelhanças entre a proposta integralista e os interesses desses letrados, encontraremos uma justificativa comum para suas atuações junto à Ação Integralista Brasileira.

Através de uma escolha pensada a partir do critério da quantidade de fontes disponíveis, escolhemos dois letrados considerados importantes na estrutura da AIB: Plínio Salgado e Câmara Cascudo. Com isso, poderemos estabelecer relações entre o local e o nacional.

Filho do Coronel Francisco das Chagas Salgado, o escritor paulista Plínio Salgado, autor de *O estrangeiro* – conceituada obra do círculo modernista – foi quem deu início ao projeto da AIB, em 1932, com a fundação da Sociedade de Estudos Políticos (SEP). Meses depois, em um pronunciamento no Teatro Municipal de São Paulo, Plínio Salgado anunciou o Manifesto de Outubro, no qual definiu a proposta da Ação Integralista Brasileira e deu um caráter institucional ao movimento, oficializando a AIB como uma sociedade cultural e política.

O interesse de Plínio Salgado pela fundação de um movimento com as características da AIB, surgiu em uma viagem que o mesmo fez, em 1930, à Europa e a Ásia, como preceptor do filho de Souza Aranha, onde conheceu de perto o projeto fascista italiano. Salgado fora um dos líderes do movimento artístico de caráter nacionalista “Anta”. Ao ter contato com a ideologia fascista, teria observado na estrutura nacionalista, organizacional e ideológica do movimento de Mussolini uma forma de fundar no Brasil um movimento nacionalista com base autoritária e tradicional. Assim, ao retornar ao Brasil fundaria a AIB, da

²² Ver: FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: _____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2006. (22ª ed.).

qual foi líder do início até 1938, ano da proscrição do movimento pelo regime Vargas. Plínio Salgado se exilou em Lisboa, em 1939, após constantes pressões sofridas por parte do Governo Vargas e só voltou ao Brasil em 1945 após o fim do Estado Novo.

Respeitado membro da elite letrada brasileira, Câmara Cascudo entrou na AIB em 1933, ocupando dentre outros cargos, a chefia da Província Integralista do Rio Grande do Norte e uma vaga na chamada Câmara dos 400 da AIB. Conhecido por ser um escritor compulsivo, Cascudo escrevia sempre nas publicações integralistas e, quase sempre, seus escritos buscavam resgatar através dos estudos da cultura nacional as raízes da nacionalidade brasileira, obedecendo a plataforma ideológica integralista.



FIGURA 01 Principais lideranças do Núcleo AIB no Rio Grande do Norte. Nessa foto aparecem Cascudo e Otto Guerra com seus filhos na fila da frente. **FONTE:** <<http://www.historiaecultura.pro.br/modernosdescobrimientos/desc/cascudo/cascudosertaoverde.htm#cap1>>.

Cascudo permaneceu na AIB até 1937 quando a mesma foi extinta após o Golpe de Vargas, mas diferente de Plínio Salgado, continuou no Brasil e apoiou a política varguista até

o fim do Estado Novo, o que deixa evidente as diferentes posturas políticas adotadas por esses dois homens.

Dentro da produção desses dois sujeitos, tentaremos articular os discursos que uniram homens heterogêneos em torno de uma causa única e própria. O que levou sujeitos distintos a unirem-se em torno do Projeto Integralista? E qual o elemento que os une, fazendo com que fossem aliados? São esses discursos que propomos identificar para que possamos estabelecer comparações e, principalmente, encontrar a interseção nos discursos dos nossos “homens das letras”.

1.4 O projeto, a união e o que os atraiu...

Com a fundação da AIB, em 1932, Plínio Salgado iniciava um projeto ambicioso baseado na força dos letrados brasileiros. Seu discurso era direcionado à juventude burguesa, principalmente estudantes das faculdades brasileiras em formação ou há pouco formados.

Esse alvo do discurso integral era lógico e objetivo. Em sua maioria, a juventude que estava saindo das universidades brasileiras (na primeira metade do século XX) era formada por filhos e/ou aparentados das oligarquias locais. Sendo assim, esses jovens seriam portadores dos valores tradicionais a que pertenciam, mas, ao mesmo tempo, estariam preparados intelectualmente para a modernidade, formando um corpo tradicional e ao mesmo tempo letrado que daria forma ao alicerce de sustentação do discurso integralista e seriam as futuras lideranças das fileiras integralistas.

O paradoxo do integralismo pode ser resumido como um movimento que pretendia absorver o modernismo sem deixar para trás o tradicionalismo. Esse é um ponto interessante

nas concepções da AIB. Por ela pretender ser um movimento que se dispunha a fazer uma conciliação entre tendências diferenciadas que se apresentariam no pensamento do povo brasileiro é que a proposta integralista ganhou um grande número de adeptos. Em um período de caos ideológico, era preciso cativar as pessoas que em sua grande maioria ainda estavam mais atreladas às tradições oligárquicas do que aos avanços da modernidade.

A liderança integralista era suficientemente sensível com relação à perturbação ideológica em que o Brasil se encontrava, sabia do tormento que era o cotidiano do povo brasileiro. Nesse ponto, o importante é que “para compreender o discurso dos integralistas é fundamental ter em mente que falavam a um público considerado inseguro, medroso e a espera do grande líder que lhes oferecesse proteção”²³.

Quando se procura um denominador comum para os letrados da AIB, um traço característico que os enquadrem dentro de uma mesma lógica, de um mesmo objetivo, percebe-se que é a forma como pensam a cultura. Esse é o fator decisivo para que homens distintos lutarem por uma mesma causa.

Plínio Salgado e Luís da Câmara Cascudo foram homens que trabalharam a cultura de modo semelhante. Coincidência ou não, buscavam trabalhá-la a fim de encontrar na cultura popular os vestígios, os traços das tradições sociais brasileira, elementos mantenedores de nossa alma e de nossa identidade. Estes vestígios, na verdade, advinham da sociedade estamental, heranças oligárquicas que, segundo eles, constituíam o cerne do nacionalismo brasileiro.

No livro *A Quarta Humanidade*, Plínio Salgado denuncia a sociedade que presenciava encontrava-se desorientada, sem rumo, como a dos homens das cavernas – um quadro explicado pela “anarquia de idéias” referenciada nos escritos de Azevedo Amaral. Dentro dessa lógica, Salgado afirmava que cabia ao integralismo brasileiro, com sua

²³ FREITAS, Marcos Cezar de (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998. p. 33.

capacidade intelectual e seu quadro de homens pensantes, conchamar a juventude brasileira a promover uma *revolução* cultural, participando da formação da humanidade integral e perfeita, baseada na lógica integralista da formação da “Quarta Humanidade”²⁴.

A juventude brasileira era o principal alvo do discurso integralista – assim como era do discurso nazista e fascista na Europa. Essa juventude seria capaz de entender os objetivos da AIB e que aliada aos letrados integralistas, reunia condições de resgatar a cultura popular e, conseqüentemente, cunhar o espírito nacionalista almejado pela Nação brasileira.

Justamente por aliar nacionalismo, catolicismo e tradicionalismo é que a AIB ganhou um número expressivo de adeptos e consolidou esse discurso de resgate e de fortalecimento do nacionalismo através da cultura, o qual daria segurança a esse povo amedrontado e sem liderança descrita por Salgado em *A Quarta Humanidade*.

Nesse cenário montado pela Ação Integralista Brasileira, o povo era visto com o detentor da cultura legitimamente nacional, mas, na maioria das vezes, não tinha a consciência e nem reconhecia que possuía essa cultura de fato. O povo aparece nos escritos de Salgado como “um monstro inconsciente e estúpido”, logo, seria função e obrigação social da AIB domar esse monstro e adaptá-lo para o Estado Integral.

Para os intelectuais integralistas era lógico e natural pensar o povo dessa forma, não havia nada de absurdo em ver o povo como ignorante. Para os letrados integralistas o povo não tinha a capacidade de interrogar-se, não sabia as origens daquilo que possuía. Afinal, isso não era seu dever, esse era o dever do intelectual.

Por isso, dentro da proposta da AIB, Plínio Salgado almejava a elevação do nível cultural do povo, de modo que possuía nos quadros integralistas homens interessados nessa elevação. Salgado tinha os líderes para uma revolução cultural, que seria obrigatoriamente necessária para o desenvolvimento do país.

²⁴ SALGADO, Plínio. *A quarta humanidade*. Rio de Janeiro: Olympio, 1934.

O conceito de cultura aparece de maneira semelhante nos escritos de Câmara Cascudo e Plínio Salgado. Ambos incorporavam a cultura como uma ferramenta utilizada na busca para se encontrar a origem de algo ou como uma coleção de técnicas que, podendo ser deslocadas, podiam ser moldadas e forjadas quando aplicadas em uma sociedade.

Para Cascudo, a cultura podia ser entendida como “um conjunto de técnicas de produção, doutrinas e atos, transmissível pela convivência e **ensino**” [grifos meus]²⁵. Esse trecho é interessante para que percebamos o intuito de se trabalhar e se querer uma revolução cultural. Trabalhando-se com a cultura, o povo poderia ser moldado e adaptado dentro da fôrma cultural integralista. Ainda, segundo Cascudo,

a cultura compreende o patrimônio tradicional de normas, doutrinas, hábitos, acúmulo de material herdado e acrescido pelas aportações inventivas de cada geração. Mas esse patrimônio não abrange a totalidade das outras culturas possuidoras dos mesmos elementos constitutivos.²⁶

Através dessa concepção do conceito de cultura existente na obra de Cascudo, podemos entender o papel que ela desempenharia; como ele trabalhava a cultura e a sua função dentro do projeto intelectual integralista.

Ao se ter contato com os escritos integralistas de Câmara Cascudo percebe-se que o sentimento de nacionalidade era um dos fatores que mais lhe atraía dentro da proposta da AIB. No principal jornal integralista, *A Offensiva*, Cascudo nos revela o angustiado sentimento do homem que luta para resgatar suas origens, seus heróis e, através dos seus artigos culturais ressuscitar e dar *status* a heróis, mitos e figuras importantes do período

²⁵ CASCUDO, Luís da Câmara. *Civilização e cultura*. São Paulo: Global, 2004. (1ª ed. Pela Global).

²⁶ *Ibid.* p. 41.

imperial brasileiro que estavam caindo no esquecimento após a proclamação da República no Brasil.

Fica evidente que a função cultural desse erudito provinciano consistia em resgatar heróis, lendas e mitos por meio dos seus artigos publicados nos periódicos integralistas. Tais resgates tinham por objetivo evidenciar a importância do letrado na recuperação da memória nacional. Lutando pelo sentimento nacional, esses homens como Cascudo e Salgado viam na revolução proposta pela AIB a forma mais coerente de se promover uma mudança estrutural no país.– embora para nós contemporâneos pareça mais uma proposta utópica e romântica do que racional.

A propaganda promovida pela AIB nos seus meios de comunicação fazia referências aos seus líderes letrados, dando-lhes postos de heróis, paladinos, homens capazes de promover mudanças, situando esses homens em ordens culturais importantes, evidenciando e dando credibilidade a seus letrados:

Câmara Cascudo uma das expressões mais patrióticas, uma das personalidades mais decididas.

Veterano do nosso movimento, antigo Chefe Provincial do Rio Grande do Norte, atual membro da “Câmara dos Quatrocentos” da AIB, vulto de destaque na sociedade potiguar, onde ocupou cargos de relevância na vida pública, aquele nosso companheiro merece toda a nossa admiração e todo o nosso louvor.²⁷

Câmara Cascudo aparece para o imaginário do leitor integralista como um paladino, moralmente um respeitável homem da sociedade, apto, capaz de conduzir o povo em direção a uma revolução que será recompensada pela instauração da tão desejada “Quarta Humanidade”.

²⁷ *A Offensiva*. Rio de Janeiro. 18.09.1937.

Evidenciam-se nos escritos de Cascudo seu entendimento de que a cultura além de poder ser transferida podia ser manipulada e aplicada de outras formas, com isso, pretendia reajustar a mentalidade do povo dentro da mentalidade e da hierarquia montada por Plínio Salgado e a AIB:

A lição, nem por todos percebida, é que cada povo organizará a sua civilização e que as culturas constituintes devem ser livremente escolhidas, mantidas ou **criadas na mentalidade nacional reajustadora.**²⁸ [grifos meus]

Além disso, fica clara a intenção de resgatar a cultura popular pretendida por Cascudo e Salgado, mas, fica mais evidente como essas culturas podem ser moldadas a interesses e poderes, principalmente por aqueles que conseguem interpretar e manejar o conceito de cultura.

Quando encontramos a definição de cultura para o integralismo, devemos entender que a definição desse conceito é, em todo, fundado no pensamento de Plínio Salgado. Por possuir uma rígida hierarquia administrativa, na qual o líder maior era o responsável pela definição oficial do movimento, afinal ele era a instituição personificada, os conceitos eram estabelecidos por Plínio Salgado em nome da AIB.

Assim sendo, Salgado e a AIB entendiam cultura como “a posse de determinados conhecimentos, tais como os ligados à arte, à literatura, à filosofia e à ciência. Cultura era, por conseguinte, um bem que podia ser transmitido por aqueles que a possuíam”²⁹.

²⁸ CASCUDO, Luis da Câmara. *Civilização e cultura*. São Paulo: Global, 2004. p. 42.

²⁹ CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. São Paulo: EDUSC. 1999. p. 42.

Partindo da idéia que os letrados integralistas eram os detentores da cultura, não como objeto em si, mas como entendedores e definidores, e que o povo apenas trazia o gérmen do nacionalismo na sua essência através da cultura popular, Cascudo e Salgado vestem-se como líderes e “apressam-se em defender a cultura popular dos ataques que o progresso estaria lhe deferindo, adotando uma postura paternalista e essencialmente museológica”³⁰.

A AIB aparece na rede de poderes que envolvem a política brasileira na década de 1930 como um movimento formado por intelectuais, que atuam como agentes da consciência e do discurso do povo³¹, adotando uma postura conservadora e reacionária aos excessos modernos da pulsante sociedade liberal burguesa.

Chegando a esse ponto podemos estabelecer algumas conclusões acerca da análise desses sujeitos e com um problema em comum. Ao analisar os discursos integralistas de Salgado e Cascudo identificamos o conceito de cultura como o ponto de interseção entre o pensamento político cascudiano e de Salgado. A forma como ambos utilizavam esse conceito para justificarem suas atuações políticas e sociais, encarando a cultura como um instrumento de revolução, ao mesmo tempo em que se colocavam como sujeitos interpretadores da cultura popular, visava moldar os interesses da Nação, acalmando assim o desnortado povo brasileiro.

Moldado ao que seria os interesses dessa Nação (obviamente liderada pelos letrados integralistas) o nacionalismo defendido e resgatado pela AIB utilizará a imagem da autêntica raça e cultura brasileiras:

³⁰ OLIVEN, Ruben George. A Relação estado e Cultura no Brasil: cortes ou continuidades?. In: MICELI, Sérgio. *Estado e cultura no Brasil*. São Paulo: Difel, 1984. p. 44.

³¹ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997. (32ª ed.). p. 71.

Essa idéia de autenticidade valorizava os elementos da cultura indígena, da cultura cabocla, do homem sertanejo, da pessoa do interior. A nação era o grande mito integralista. A união entre os interesses da nação e a ação do Estado deveria ser organizada por um único partido, a Aliança Integralista.³²

Por fim, encontramos o uso da cultura como um mecanismo que atende a interesses diversos, mas acaba reunindo sujeitos com uma formação intelectual em busca da origem do sentimento nacionalista. Isso aparece como um ponto que faz convergir homens de posturas diferentes em torno de uma mesma causa: uma nação liderada pelos homens das letras, que viam na revolução cultural da AIB a forma de aplicarem seu capital intelectual em uma causa que lhes daria prestígio e poder, rendimentos que as letras até então não haviam possibilitado.

Assim, como já ocorrera com o operariado do século XX, claramente diferente em costumes e posturas, que no Leste Europeu se uniu em torno da conclamação de Marx e seu *Manifesto*, a Ação Integralista Brasileira conclamou os diferentes letrados brasileiros em torno de uma causa única, com o desejo de reunir forças e se definir no meio da “anarquia de idéias” existente no Brasil dos anos 30. Sob o lema que foi a bandeira em toda sua trajetória, “Deus Pátria e Família”, os letrados integralistas conciliaram seus ideais com sua força de persuasão através das letras e atenderam a conclamação de Salgado, que em seus escritos exaltava: “despertemos a Nação (...) será mais uma clarinada conclamando os moços a virem formar a grande força capaz de construir a grande Pátria”³³. O desejo de todos os integralistas era uma vitória da cultura letrada, e que aos ventos exclamasse: Letrados de todo Brasil univos!

³² FREITAS, Marcos Cezar de (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998. p. 44.

³³ SALGADO, Plínio. *A Quarta humanidade*. Introdução.

**OS ESCRITOS CASCUDIANOS E A OPORTUNIDADE DE EXPRESSAR-SE
POLITICAMENTE**



Material de Propaganda da Ação Integralista Brasileira conclamando os brasileiros a participar das fileiras do movimento. **FONTE:** <[http://www.integralismo.org.br/novo/?cont=121&vis=.](http://www.integralismo.org.br/novo/?cont=121&vis=;)>.

CAPÍTULO II

OS ESCRITOS CASCUDIANOS E A OPORTUNIDADE DE EXPRESSAR-SE POLITICAMENTE

Zelar pelo passado, através de seus autênticos testemunhos, é sem dúvida obrigação precípua do historiador. Mas obrigações que, justamente para ser coerente, requer que se denunciem com vigor o simples pastiche ou a vontade de se ressuscitarem monumentos e instituições de eras transatas.

Sérgio B. de Holanda³⁴

Um importante fator a ser considerado na relação entre Cascudo e a Ação Integralista Brasileira é o lugar de destaque ocupado pelo erudito no projeto pensado por Plínio Salgado.

Respeitado folclorista brasileiro, Cascudo pertenceu à Câmara dos Quatrocentos, a segunda fileira na escala hierárquica da AIB. Dentro do projeto integralista a ele foi reservado um amplo espaço, desde publicações nos grandes periódicos integralistas (principalmente nas publicações de caráter nacional, como no jornal *A Offensiva* e nas revistas *Anauê e Panorama*) até a ocupação de importantes cargos administrativos nos quadros da AIB. Ilustre figura do cotidiano natalense foi considerado, o mais importante membro do Núcleo Provincial da AIB no Rio Grande do Norte, tornando-se, em 1933, chefe Provincial Integralista, com sua forte influência sobre os letrados norte-rio-grnadenses, conseguiu angariar para as fileiras verdes figuras expressivas como Monsenhor Walfredo Gurgel,

³⁴ HOLANDA, Sérgio Buarque. *Para uma nova história*. São Paulo:Fundação Perceus Abramo, 2004.

influyente liderança católica e referência política no Seridó, importante região do interior do Rio Grande do Norte³⁵.

A ocupação de cargos de destaque na AIB e a crença no projeto integralista, unido ao apoio do Poder Federal ao movimento, fez com que Cascudo pudesse pôr em prática sua formação erudita e letrada. Com toda a crise pessoal e financeira por que passou, com a perda quase que total de seu patrimônio material, Câmara Cascudo passou a investir no capital letrado obtido tanto em sua formação como bacharel pela Faculdade de Direito do Recife quanto por sua formação junto às letras, na condição de escritor e jornalista, ofício aprendido e praticado nos periódicos locais.

2.1 A necessidade de alianças e o uso das máscaras no cenário político.

Entre 1933 e 1934 Cascudo assumiu duas posturas políticas, muito por causa da necessidade de apoio que precisava. Esses foram anos que Cascudo iniciou seu processo de saída do ostracismo político local ao qual foi renegado após a morte do seu pai. Através da correspondência pessoal com Cascudo, o escritor paulista Mario de Andrade queixava-se da perseguição que os interventores federais vinham promovendo à figuras públicas, desde o episódio da Revolução de 1932, ocorrida em São Paulo. Em resposta, encontramos o letrado potiguar sensível à situação do colega paulista, denunciando de imediato as perseguições que também vinha sofrendo no Rio Grande do Norte, além de tecer duras críticas à política autoritária do Governo de Vargas através de seus paladinos interventores.

³⁵ Os núcleos integralistas no interior do Rio Grande do Norte foram extremamente atuantes, tendo uma participação efetiva da sociedade católica devido a forte influência do clero nas políticas locais, por exemplo, no caso de Caicó, conhecida por ser um reduto formador de lideranças católicas no Rio Grande do Norte, sendo Dom Eugênio Sales (que não foi integralista) o mais destacado dentre as crias da Igreja Católica no Seridó.

Começou para nós o domínio da chibata e da loucura financeira. O interventor irmanado com o Chefe de Polícia, multiplicou os empregos para os seus apaniguados [sic] e uma série de infâmias foi serenamente positivada (...) bruscamente iniciaram o que A REPÚBLICA chamou de repressão ao surto perrepista (...) Posto à margem dos ganhos por ser pôlista e perrepista (em Natal porque em São Paulo era democrata) faço milagres para viver porque a vida se encarece e eu não tenho aumento financeiro para acompanhar os preços³⁶

A resposta de Cascudo ao colega Mario parece clara e soa solidária àqueles que estavam sendo perseguidos pelas interventorias, como ele vinha sendo em Natal. A postura de Mario naquele momento é de um opositor ferrenho ao regime varguista, inclusive definindo-se a favor dos revoltosos paulistas contra a ditadura federal. As denúncias de Cascudo contra a perseguição que vinha sofrendo desde 1930 só reforçam a idéia de que esse período foi marcado por seu ostracismo junto às lideranças locais, justamente pelo fato de não receber suporte que lhe desse liberdade de expressão.

No período em que essas correspondências foram trocadas Bertino Dutra da Silva ocupava o cargo de interventor no Rio Grande do Norte. A análise das fontes nos leva a pensar que Cascudo vivia um momento de distanciamento do poder local. Já a interventoria seguinte a de Bertino Dutra, a do senhor Mário Leopoldo Pereira da Câmara, parece ter estabelecido uma estreita relação tanto profissional quanto pessoal com Câmara Cascudo.³⁷ No ano de 1934 o já erudito integralista foi convidado a se incorporar a comitiva do interventor Mario Câmara, que viajou pelo sertão norte-rio-grandense inaugurando

³⁶ GOMES, Edna Maria Rangel de Sá. *Correspondências*: leitura das cartas trocadas entre Luis da Câmara Cascudo e Mario de Andrade. Natal, 1999. p. 310.

³⁷ Bertino Dutra da Silva foi interventor federal no Rio Grande do Norte no período entre 1932 e 1933. A partir do segundo semestre de 1933 assumiu a interventoria potiguar Mario Leopoldo Pereira da Câmara que ficou no Estado até 1935.

repartições, escolas e hospitais públicos. Tal viagem rendeu duras críticas ao interventor por parte da oposição, principalmente as feitas por José Augusto de Medeiros. Cascudo escreveu artigos durante a viagem com Mario Câmara, todos em formas de relatos de bordo que foram, inicialmente, publicados em *A República* sob o título de “Viajando o Sertão”. Mais tarde esses artigos foram reunidos em um livro (financiado pela Imprensa Oficial, órgão estatal de publicações) com o mesmo título que dava nome aos artigos de *A República*.³⁸

A segunda cria dessa viagem de Cascudo não foi muito interessante para que seja lembrada nas biografias oficiais do erudito potiguar. Ao retornar da viagem com o interventor Mario Câmara, Cascudo foi denunciado ao Superior Tribunal Eleitoral por recebimento indevido de recursos. Segundo a oposição, representada na figura do ex-governador do Rio Grande do Norte, José Augusto Bezerra de Medeiros (fundador do Partido Popular no Rio Grande do Norte, em 1933, e da UDN, em 1945), esses recursos serviriam para investimentos no núcleo da AIB local.

Na representação que o dr. José Augusto levou ao Presidente do Superior Tribunal Eleitoral, em data de 26 de agosto p. p., no item “Suborno”, leio: - “- Pagamento de quatro contos e tantos mil réis a um Chefe Integralista que desde logo se transforma em orador das caravanas interventoriais”. Professor de História do Brasil e Diretor do Atheneu Norte Rio Grandense, recebi meus vencimentos em janeiro de 1930, negociando com o Banco do Rio Grande do Norte meus honorários de fevereiro a junho, apenas a terça parte, isto é, 166\$ mensais num total de 1:130\$000. [...] A Interventoria abriu o crédito necessário para saldar o débito do Estado para comigo, seu credor. Decreto n. 613 – de 27 de abril de 1934, **Abre crédito especial de 4:948\$110 para pagamento ao bacharel Luiz da câmara Cascudo.**³⁹

³⁸ CASCUDO, Luis da Câmara. *Viajando o Sertão* (1ª ed.). Natal: Imprensa Oficial do Rio Grande do Norte, 1934. *Viajando o Sertão* teve sua primeira edição publicada no segundo semestre de 1934. Composto por dezoito crônicas escritas por Câmara Cascudo, em viagem realizada entre 16 e 29 de maio de 1934, o livro reúne os artigos publicados em *A República* entre 31 de maio e 22 de julho de 1934. Além de uma visão etnográfica sobre o Sertão norte-rio-grandense, a obra traz interessantes referências às idéias e práticas do Cascudo integralista e de sua relação com o interventor Mario Câmara.

³⁹ O artigo “suborno...” foi escrito por Câmara Cascudo na edição de *A República* de 04.09.1934.

José Augusto afirmou ao STE que aconteceu o “pagamento de quatro contos e tantos mil réis a um Chefe Integralista que desde logo se transforma em orador nas caravanas interventórias”.⁴⁰ Cascudo respondeu à crítica de José Augusto através do Diário Oficial do Estado, alegando que a origem do dinheiro estaria ligado ao pagamento retroativo da quantia que ele não havia recebido referente às aulas ministradas no Atheneu Norte-rio-grandense.

Ao nosso entender, o mais importante a ser analisado nesse momento da biografia cascudiana é o fato da ligação entre Cascudo e Mario Câmara. A saída do ostracismo político e social em que se encontrava Cascudo pode estar associado, em muito, a essa aliança entre o escritor potiguar e o Interventor Federal. Isto pelo fato de Cascudo ser detentor de um discurso caracteristicamente nacionalista, além de estar militando junto às fileiras da AIB, até 1937, o que o tornava simpático e útil ao regime que o Interventor representava. Plínio Salgado e Vargas seriam aliados, durante certo tempo, no combate ao discurso bolchevista. A semelhança ideológica entre Cascudo, a AIB e o Governo Vargas fizeram o erudito potiguar ressurgir em meio a um ambiente que, havia algum tempo, já não pertencia ao cotidiano de Câmara Cascudo.

O discurso adotado pela AIB era autoritário e anticomunista, assim como o de Câmara Cascudo. Estes discursos expressavam opiniões políticas e ideológicas semelhantes àquelas defendidas pelo poder federal. Essa semelhança de postura aproximou Vargas e a AIB, apoiando-se um no outro em busca de interesses particulares, mas idênticas no combate ao discurso bolchevique⁴¹.

⁴⁰ *A República*, 04.09.1934.

O mesmo artigo é publicado em *A Offensiva* no dia 13 de setembro do mesmo ano sob o título “Investindo contra os caluniadores: fulminante resposta do chefe da A. I. B. no Rio Grande do Norte”.

⁴¹ Hanna Arendt em *Origens do Totalitarismo* faz um intenso debate acerca das concepções de autoritarismo, inclusive estabelecendo diferenças entre políticas autoritárias e totalitárias. Com a leitura de Arendt podemos perceber que o autoritarismo não é uma prática política, e sim uma característica que se associa a regimes conservadores, de extrema esquerda ou direita. Já o totalitarismo é o Regime que se utiliza da força, da violência contra classes e pessoas, e da limitação de liberdades para se constituir como Governo. Os casos da Alemanha nazista, a Itália fascista e a URSS da época de Stálin são exemplos dessa forma de Governo.

O pretense apartidarismo da AIB, sempre lembrado por Câmara Cascudo, dava-lhe a liberdade de aproximar-se do interventor Mario Câmara. Pode-se atribuir duas hipóteses a essa aproximação. Primeiramente, pode advir da aliança que se estabeleceu, em 1933, entre a AIB e Getúlio Vargas. Cascudo, como Chefe Provincial no Rio Grande do Norte, deveria estabelecer boas relações com a interventoria local nomeada por Vargas, se não de forma pessoal, mas de forma estratégica, principalmente para que se criasse um campo propício tanto para a propagação da ideologia integralista quanto para evitar perseguições e o travamento do projeto do Núcleo Nacional da AIB. Uma segunda hipótese para essa aproximação parece ser a questão do espaço político. No ostracismo até 1933, Cascudo aproximou-se de Mario Câmara para ser resgatado do arrecife que se encontrava desde a decadência financeira do seu pai. Agora como uma liderança política, representante de uma importante parcela da sociedade norte-rio-grandense, formada por letrados, profissionais liberais, militares de média e baixa patente e liderança católica, Cascudo encontrava-se em posição favorável para dialogar e participar da vida política e cultural local.

A atração de Câmara Cascudo para o projeto integralista de Plínio Salgado tem a ver com os mais variados fatores, desde semelhanças ideológicas e de postura até como forma de reaparecer no cenário político local, ressuscitando o prestígio que sua família havia perdido há algum tempo.

Sentindo-se atraído, Câmara Cascudo parece ter se aproximado da AIB e do Governo Vargas por uma série de motivos, não apenas políticos, mas também ideológicos. O conservadorismo da AIB e o autoritarismo de Vargas transmitiam um certo ar de conforto à alma do erudito potiguar, além de lhe garantir um espaço para que pudesse, em forma de letras e de voz, expressar de forma explícita seus anseios, sentimentos e vontades, sem sentir-se perseguido ou ter seu discurso limitado por poderes. Esta liberdade foi conseguida a partir do que chamou de apartidarismo, que lhe proporcionou alguns anos de liberdade de expressão

política e ideológica em toda sua trajetória biográfica. Tal liberdade de falar, e até mesmo atacar homens ligados à política local, devido a uma dependência desses, logo teve que ser silenciada, afinal, liberdade em Cascudo sempre foi algo restrito, e seus escritos sempre foram muito restritos e limitados no que se refere a promoção de críticas às práticas políticas. Creio que sua concepção de liberdade estava ligada a perdas, e o limite lhe deu a segurança, talvez semelhante àquela que um dia teve dentro das muralhas do Principado que lhe foi tirado pelo excesso de liberdade da modernidade.

2.2 Ideologia e propaganda: a busca de uma posição de produtor de saberes dentro dos quadros da AIB.

Com a elaboração do planejamento integralista (representado através do *Manifesto de Outubro*⁴², documento que continha interesses, práticas e a ideologia do integralismo), Plínio Salgado ofereceu a letrados na posição de Câmara Cascudo uma oportunidade de sonhar em conquistar o poder através das letras, o que para nosso olhar contemporâneo torna-se quase uma utopia. Os eruditos estavam sendo marginalizados pela sociedade das regras acadêmicas instituídas pelas Universidades, que estavam surgindo nos anos 30. Uma sociedade que exigia um maior rigor dos escritos científicos, que analisava a credibilidade e exigia a autonomia dos escritos dos homens ligados às ciências sociais.

Porém, os escritos de Cascudo ainda estavam inseridos dentro do modelo tradicional de escrita típico do século XIX, geralmente escrituras sem obedecer a um padrão de regras

⁴² O *Manifesto de Outubro* foi o documento que continha os princípios ideológicos e a doutrina da Ação Integralista Brasileira, escrita e lida por Plínio Salgado. De maneira sucinta, O *Manifesto* é representado por um pequeno manual com o discurso pronunciado por Plínio Salgado no Teatro Municipal de São Paulo, na cerimônia de inauguração da criação da AIB. Os conceitos presentes no *Manifesto* são o resultado dos estudos feitos pela Sociedade de Estudos Políticos (SEP) sob a orientação do próprio Salgado.

pré-estabelecidas, como a exigência da citação das fontes de suas afirmações, a bibliografia em que se apoiava, notas de rodapé e principalmente, Cascudo não utilizava-se de referências para suas citações, o que o deixava em uma situação diferenciada quando comparado à escritores que seguiam uma linha mais cientificista e criavam espaços para a legitimação dos seus escritos, como o caso de Sérgio Buarque de Holanda, que ajuda a formar, no início da década de 30, a Universidade de São Paulo (USP), que seguiria padrões e regras para a elaboração dos trabalhos ali desenvolvidos visando dar credibilidade e legitimação aos escritos intelectuais.

A criação da Universidade de São Paulo, na década de 1930, foi fundamental na divisão entre eruditos e intelectuais brasileiros ao iniciar o processo de institucionalização das ciências sociais no Brasil. De certa forma, isso marginaliza a boa parte dos letrados brasileiros, principalmente aqueles que não produziam escritos com base em regras e normas, que garantissem a legitimidade de suas produções. Entre os saberes marginalizados pelas instituições de ciências sociais está o Folclore, que os próprios folcloristas entendiam se tratar de um saber marginal às produções intelectuais e que operavam seus estudos através da apreensão dos fenômenos sociais através de uma escala reduzida de observação e que nem sempre seguia métodos científicos.⁴³

Eruditos e intelectuais possuíam características distintas, levando-os a ocupar posições opostas dentro do campo letrado. O erudito era caracterizado por não utilizar normas para a produção dos seus escritos e transitar livremente em diversos campos do conhecimento, escrevendo o que lhe fosse conveniente. Numa outra perspectiva, o intelectual tornou-se especialista em uma determinada área do conhecimento, seu trabalho ganhou um caráter

⁴³ ORTIZ, Renato. *Românticos e folcloristas*. São Paulo. Olho d'água, 1992. p. 49.

científico; tomou as ciências naturais e exatas como modelo de suas produções, além de obedecer a regras para a elaboração de sua produção intelectual⁴⁴.

Luís da Câmara Cascudo é o exemplo clássico de um erudito, dado que, já na década de 30, escrevia sobre diversos assuntos relacionados ao folclore escrevendo sobre gêneros da mais variada natureza; desde biografias, relato de viagens, crônicas, críticas, ensaios, etc.

Nesse momento da história não vemos um Cascudo otimista com relação à criação de instituições como a USP (instituições legitimadoras de saber intelectual) no Rio Grande do Norte, o que o faz procurar criar suas próprias instituições para veicular e legitimar seu saber, precisando para isso da ajuda do Estado e dos círculos nos quais seus escritos ainda possuíam credibilidade e notório respeito.

Os anos 30 foram marcados pela formação das instituições universitárias, uma idéia que trazia consigo regras e normas na produção do saber e a fortificação das instituições produtoras do saber intelectual. Essa avalanche deixava homens como Cascudo, que sempre esteve atrelado aos discursos das oligarquias litorâneas, marginalizados na vida cultural e literária. Assim como as universidades na década de 30 foram se tornando centros de referência e redutos de legitimação da produção intelectual, a AIB tornou-se um abrigo de letrados despossuídos – em sua maioria – de prestígio político e intelectual e que buscavam recuperar o prestígio que possuíram durante o período imperial brasileiro e na chamada Primeira República.

Ao estudar o Cascudo integralista surgi-nos uma pergunta: qual o papel que Luís da Câmara Cascudo desempenhou – e de que forma o fez – dentro do projeto integralista desenvolvido por Plínio Salgado?

⁴⁴ Acerca da relação entre os conceitos de intelectual e erudito ver: ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. De amadores a Desapaixonados: eruditos e intelectuais como distintas figuras de sujeito do conhecimento no Ocidente. In: *De amadores a desapaixonados: eruditos e intelectuais como distintas figuras de sujeito do conhecimento no Ocidente*. Trajetos. Revista de História UFC. Fortaleza, vol. 3, nº 6, 2005.

Adiantando que sua função estava atrelada aos escritos jornalísticos, analisamos os artigos escritos por Cascudo no periódico *A Offensiva*, jornal que contém a maior parte da produção integralista de Câmara Cascudo.

Será durante a década de 1930 que veremos um explícito engajamento de Cascudo na política, especialmente no que se refere à política nacional, com sua participação, no ano de 1933, na Ação Integralista Brasileira. Os motivos que levaram Cascudo a ingressar na AIB podem ser os mais variados, mas uma hipótese a ser considerada diz respeito a algumas características fundamentais do integralismo que o teriam feito simpatizar com o movimento, dentre a uma mais imediata: o discurso integralista de combate à *crise* e à *desordem* no país.

a noção de crise permite representar a sociedade como invadida por contradições, mas simultaneamente, permite tomar as contradições como um acidente, um desarranjo, pois a harmonia é pressuposta como de direito, de sorte que a crise é uma desordem factual provocada seja por um “engano” (involuntário) dos agentes sociais, seja por um mal funcionamento de certas partes do todo (por exemplo, como dirá o Integralismo, pela coexistência desarmônica do arcaico e do moderno, ou pela inadequação do liberalismo “litorâneo” à realidade “sertaneja” da nação). A crise serve para opor uma ordem ideal a uma desordem empírica na qual a norma ou a lei são contrariadas pelo acontecimento.⁴⁵

A organização hierárquica da AIB, aliada a um pensamento autoritário para a resolução da crise e da desordem, inclusive de pensamento, foram características que influenciaram na decisão de Cascudo no seu ingresso no integralismo. A busca da harmonia, o desejo de voltar ao passado, a reorganização da sociedade aos moldes do Império não passaram despercebidos, e o discurso integralista de combate à *crise* e a *desordem* influenciou homens de pensamento conservador, como Cascudo, a buscar um amparo ideológico, uma resposta para seus anseios.

⁴⁵ CHAUI, Marilena (org.); FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. *Ideologia e mobilização popular*. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. (2ª ed.). p. 128.

A AIB sabia explorar bem o que incomodava a emergente classe média brasileira, que agrupava muitas vezes homens de formação acadêmica que se encaixariam dentro dos interesses pretendidos pelos líderes integralistas. Seriam esses letrados da classe média os responsáveis por propagar e traduzir a ideologia integralista para as camadas populares, Cascudo, como folclorista, teria a função de resgatar as origens do nacionalismo brasileiro e traduzir a verdadeira essência do homem sertanejo, que havia se perdido em meio ao liberalismo litorâneo e seu modernismo transformador, cuja velocidade das locomotivas modernas estaria dizimando as tradições e a organização hierárquica a que estava acostumada a tradicional sociedade cristã brasileira.

2.3 O escafandrista: a busca do verdadeiro brasileiro nos arrecifes da cultura.

Escafandrista. Essa parece ter sido a função de Cascudo dentro do projeto integralista brasileiro, mergulhar no estudo da cultura e trazer à tona os costumes tradicionais que estavam sendo submergidos pela cultura moderna. Mergulhando nos escritos integralistas cascudianos observa-se que o erudito praticava seu ofício de folclorista em busca de um único objetivo, o de recuperar o sentimento nacionalista ameaçado pela modernidade liberal e burguesa e pelo sentimento revolucionário e universalista dos comunistas.

A imprensa integralista tinha por objetivo transmitir sua doutrina de modo uniforme, de tal forma que os periódicos ganhavam características peculiares, sempre obedecendo ao mesmo padrão gráfico (geralmente os jornais eram ilustrados com fotos ou desenhos que ressaltavam as pessoas e não o acontecimento) e com uma constante estratégia de persuasão

(a repetição, a transcrição, o uso de lembretes e a propaganda comercial aliada à doutrina)⁴⁶. O discurso de persuasão promovido pelos periódicos integralistas tinha um caráter disciplinador, visando uma doutrinação baseada na hierarquização da sociedade e no controle dos corpos.

O uso da disciplina como forma de educar ideologicamente era uma característica peculiar dos artigos integralistas, por isso não era inconsciente o uso de estratégias disciplinadoras nas publicações da AIB. A disciplina dispensava o uso da força para se obter a mobilização das massas, estabelecendo o que Foucault definiria como “relação de docibilidade-utilidade”⁴⁷, ou seja, fazia-se dispensável a força quando se possuía um discurso engajado, repetitivo e hierarquizado que visava conquistar a indecisa parcela da população que estaria mergulhada na crise e na desordem ideológica.

O mais expressivo periódico integralista foi, sem dúvida, o jornal *A Offensiva*, e é nele que encontramos a maior parte dos escritos integralistas de Cascudo. Os assuntos abordados por ele podem claramente ser divididos em duas vertentes: a) o combate ao comunismo de forma geral, atacando seu discurso, sua ideologia e seus membros; b) o resgate das tradições populares através de contos, lendas, mitos e significado de palavras que, na ótica cascudiana, guardariam a verdadeira essência do sentimento nacional brasileiro.

Cascudo seria uma espécie de propagandista político e cultural dentro do jornal *A Offensiva*, no qual sua função seria a de transmitir a ideologia integralista, traduzindo-a para que ganhasse um tom popular, chegando ao receptor de forma mais simples e clara. Politicamente, pode-se entender porque Cascudo refletia o sentimento integralista, basta lembrar de toda a sua formação cristã e conservadora, suas leituras das obras de Tristão de Athayde e da mais vasta bibliografia com tendências monarquistas, direitistas e cristãs que

⁴⁶ CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. São Paulo: EDUSC. 1999. Capítulo 2.

⁴⁷ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997. (32ª ed.). p. 118.

fazia parte de sua *Babilônia*⁴⁸. Esses livros são as fontes ainda vivas do que era o Cascudo conservador. No que se refere ao plano cultural, devemos levar em conta a forma semelhante de entenderem o conceito de cultura de Cascudo e da AIB

O termo *cultura* não aparece de forma clara nos escritos integralistas, mas percebe-se que tal conceito sempre aparece ligado à posse de conhecimentos, às artes, à filosofia, e às letras, um bem que tinha a capacidade de ser transmitido por aqueles que a possuíssem⁴⁹. Cascudo certamente era detentor de uma *cultura* baseada nesses moldes e, assim como é difícil definir cultura para a AIB, também se torna árdua a busca de tal definição nos escritos cascudianos. Mas, em um documento no qual o erudito define o conceito de *folclore*, entendendo tal saber como uma ciência que visava interpretar a *cultura popular*, conseguimos enxergar o quão semelhante são esses dois os conceitos, principalmente no que se refere à detenção do conhecimento:

Folk Lore não é coleção de caixa de fósforos ou de envolucrus de cigarros. É uma ciência do comum e do coletivo abrangendo em sua ondulante e nobre curiosidade todas as manifestações humanas o trabalho dos mortos e o esforços dos vivos (...) ciência do amor da compreensão do humilde, do diário, do comum, do dia-a-dia, o trágico cotidiano. Valoriza, aproximando de nós, o Homem, em sua condição real e lógica, sem a introspeção filosófica ou as siderações metafísicas.⁵⁰ [sic]

⁴⁸ Essa era a forma a qual Cascudo se referia à sua biblioteca particular. Encontram-se na biblioteca de Câmara Cascudo obras tais como: *Integralismo de Norte a Sul*, *Brasil colônia de Banqueiros* e *Comunismo, cristianismo e corporativismo* (Gustavo Barroso), *Mitos de nosso tempo* (Alceu Amoroso Lima), *Preparação á Sociologia, De Pio VI a Pio XI* (Tristão de Athayde).

⁴⁹ CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. São Paulo: EDUSC. 1999. pg: 42

⁵⁰ Tratasse de um documento datilografado intitulado “PLANOS DO SOCIEDADE BRASILEIRA DE FOLCLORE” [sic]. Nele identifica-se alguns planos base e traz a definição de vários conceitos que deveriam ser o cerne da Sociedade Brasileira de Folclore. Os escritos estão no arquivo pessoal de Câmara Cascudo, localizado no Memorial Câmara Cascudo, Natal-RN.

Auto-definido como estudioso do folclore, Câmara Cascudo é claramente um detentor do conhecimento cultural, aquele que deve disciplinar os sujeitos que estão à margem da lógica conservadora. Um letrado à serviço da ideologia integralista que identificava na cultura popular as origens do sentimento nacionalista perdido com a incorporação do sistema liberal-burguês e deturpado pela propaganda “nefasta” dos revoltosos comunistas. É empenhado nessas funções que Cascudo aparece em *A Offensiva*.

Cascudo escreveu intensamente para *A Offensiva* de 1934 até novembro de 1937, próximo à extinção da AIB pelo Estado Novo. Seus escritos remetem a um homem preocupado com a questão nacionalista e a desorganização causada pela ideologia comunista, o homem que reconhecia a “anarquia de idéias” em que se encontrava o país. Sempre obedecendo a um caráter sensacionalista, típico das publicações políticas, Cascudo buscava exaltar qualidades integrais e ofuscar as ações soviéticas, as quais ele definiu como “minoría armada que asfixia o povo eslavo”. Aliás, o tom pejorativo e sarcástico foi uma constante em seu discurso anti-comunista. No artigo “In Hoc Sigma Vinces!” observamos essas duas características dos escritos integralistas de Cascudo. Inicialmente, em crítica à imprensa brasileira, Cascudo afirmava que a mesma estava entregue a “meninhos-bonitos que citam Lenine, afagando camisinhas de seda”⁵¹, que deveriam integrar “as fileiras verdes do Integralismo, trabalhar, estudar e sofrer conosco”, caso contrário, estariam sujeitos a ficarem “marcados para sempre entre os que renegam a Deus, a Pátria e a Família”. Cascudo considerava o Integralismo Brasileiro um movimento próspero por ser formado, em sua essência, por brasileiros com espírito nacionalista e não internacionalista, como no caso comunista:

⁵¹ In Hoc Sigma Vinces! In: *A Offensiva*. Rio de Janeiro. 11.10.1934.

Lembrai-vos que só existe no Brasil um signal para reconhecemos os brasileiros que estão construindo a Pátria, na perpetuidade do esforço e do sacrifício. Esse signal é o Sigma (...) Lembrai-vos que este é o momento da escolha, da Coragem, do Passo inicial, a marcha para o alto com as nossas saudações (...) deixai o livrinho que o marxista pintou de ouro para vossa ignorância, ausência de raciocínio e clareza de dedução.⁵²

A difamação da figura do comunista e a exaltação ao Integralismo era traçada de forma maniqueísta por Cascudo. A imagem do integralista era associada à de um mártir que se sacrifica pela nação (uma ligação subjetiva aos sacrifícios dos mártires do imaginário católico), enquanto os marxistas eram associados a burgueses sedentos por uma revolução sem nenhum ideal, renegando aos mais fundamentais preceitos que um homem deve ter: Deus, Pátria e a Família. Os anos 30 foram marcados por uma forte instabilidade e um intenso debate político. O estilo de discurso promovido pelos escritos de Cascudo aliviava os conservadores ouvidos da emergente classe média urbana brasileira, a mais atingida pelas mudanças que vinham ocorrendo nos planos econômico e político do país⁵³.

2.4 A função de defensor e tradutor dos escritos integralistas.

Ocupando um posto definido como *propagandista*, coube a Cascudo divulgar as idéias da AIB e associá-las aos sentimentos públicos. Em 1934, o Núcleo da AIB-RN foi chefiado por Cascudo, responsável pela coluna “Notas Integralistas” no jornal *A República*,

⁵² Ibid.

⁵³ Segundo Héglio Trindade, “na década de 30 o grupo preponderante [referente à ala dirigente da AIB, a qual Câmara Cascudo era membro] é formado pela média burguesia dos profissionais liberais, em grande parte radicalizada ideologicamente para a direita”. [TRINDADE, 1975. Pg: 139] Cascudo foi, durante a década de 30, um funcionário público, professor do Atheneu-RN, e escritor, o que lhe deixava enquadrado dentro da classe média brasileira, sendo um portador dos anseios de uma classe confusa com a crise ideológica do país.

órgão de imprensa oficial do Estado que trazia informações sobre as atividades do núcleo provincial. A coluna do dia 14 de julho de 1934 faz referência ao aniversário de um ano do Núcleo Provincial e divulga aqueles que deveriam ser os pontos doutrinários da AIB, citando as Ordens Política, Econômica, Moral e Intelectual do movimento. A questão referente à *Ordem Intelectual* assinala a importância de “um regime de participação de todas as forças culturais e artísticas na vida do Estado”.⁵⁴ Essa era uma preocupação e um interesse de Cascudo: os letrados deveriam ajudar na organização do Estado, participando do projeto político da Nação defendido por Getúlio Vargas. Seria uma forma de letrados com as características de Cascudo retomarem o prestígio social e político perdido durante as décadas de 20 e 30. A AIB se valia desse desejo para angariar letrados de renome para seus quadros e alcançar uma participação no Estado autoritário planejado por Vargas. Cascudo, assim como outros integralistas, visava um futuro promissor para os homens das letras, unindo o projeto integralista, no qual os letrados estariam à frente das mudanças nacionais, ao desejo de Getúlio em ter intelectuais, eruditos e literatos nos quadros funcionais da Nação.

Coube a Cascudo legitimar o discurso integralista, principalmente quando o mesmo era associado às facções de extrema direita européias. Embora o integralismo incorporasse característica desses, a AIB necessitava reivindicar seu caráter nacionalista, mesmo porque combatia o internacionalismo comunista, e associar seu discurso aos princípios nazi-fascistas faria da AIB um movimento sem características nacionais e independentes. Cascudo trabalhava o discurso integralista voltado para combater no imaginário popular a associação entre o integralismo de Plínio Salgado e o nazismo de Hitler, já que a propaganda integralista sentia a necessidade de consolidar uma imagem nacionalista para a AIB:

⁵⁴ Notas Integralistas. In: *A República* (periódico). Natal, 14.07.1934.

O integralismo não é uma cópia. É uma forma brasileira do fascismo. Aceitamos muitas soluções internacionais da doutrina sem perder de vista o elemento nacional onde ela é chamada a operar. Cópia é o bolchevismo teórico de certos internacionais de pacotilha (...) Perguntem ao crítico, que nos diz copiadores, de onde lhe veio o fumo de seu cigarro, a linha do seu traje (...) ele não criou nada. O indumento [sic], o idioma, a culinária, folclore possuem leis de circulação e fusão ambientais (...) nós não copiamos o fascismo (...) Integralismo é a força que está em nós mesmos. O raio é a extensão do Brasil. A trajetória é o infinito de nossas almas que se libertam de todos os terrores cósmicos ou políticos e se orientam para um horizonte de trabalho e de justiça.⁵⁵

Entre outras coisas, o trecho acima é significativo para visualizarmos a segurança que Cascudo esperava encontrar com sua entrada para as fileiras da AIB, explicitando seu temor com relação à política dos anos 30 ao afirmar que as “almas [inclusive a sua] que se libertam de todos os terrores cósmicos ou políticos e se orientam para um horizonte de trabalho e de justiça” oferecido pela ideologia integralista. Mas, o que nos cabe analisar nesse momento é a estratégia adotada por Cascudo ao recorrer aos seus conhecimentos etnográficos para validar suas críticas, enfatizando a imagem do homem culto, conhecedor dos costumes. Era o folclorista detentor da *cultura* a que mostrava em seus escritos que todo costume é universal e que as críticas acerca do internacionalismo da AIB não condiziam com o que seus opositores afirmavam. Cascudo utilizava-se de palavras fortes para criar uma desqualificação do discurso comunista e chamar a atenção do leitor.

As publicações integralistas de circulação nacional eram produzidas pelos líderes nacionais da AIB. Cabia às lideranças, na figura de Plínio Salgado, Miguel Reale, Gustavo Barroso e Raymundo Delmiriano Padilha, o desenvolvimento do discurso oficial da AIB. Os livros produzidos pela cúpula intelectual integralista possuíam uma linguagem peculiar, às vezes de difícil compreensão, pois se utilizavam de reflexões filosóficas, o que distanciava do público popular, ou seja, tratavam-se de obras de letrados voltada para seus colegas de ofício.

⁵⁵ O integralismo é cópia? In: *A Offensiva*. Rio de Janeiro, 18.10.1934.

Essa bibliografia, extensa por sinal, serviu de alicerce para as demais produções intelectuais integralistas, o que constituía a função dos letrados dentro da AIB. Elaborar um discurso base para as alas letradas do movimento, sustentando seus postos de liderança, influência e persuasão sobre os demais membros, fossem ou não letrados.

Cascudo não foi autor de nenhum livro referencial da AIB. Não existe registro de nenhuma publicação sua voltada para a defesa da ideologia integralista, simplesmente porque sua função era a de legitimar o movimento através de seus artigos em periódicos. Cascudo era o tradutor de Plínio, Barroso e Reale, o conhecedor dos costumes populares e, portanto, o tradutor do discurso oficial para uma linguagem popular e sensacionalista. Não se deve entender o sensacionalismo promovido na década de 1930 com o sensacionalismo da atual mídia. O sensacionalismo que encontramos nos artigos da AIB era uma característica dos movimentos autoritários e totalitários, tanto de esquerda como de direita, essa era a função da propaganda de massa e a AIB bebeu do modelo nazista de propaganda, mas não da ideologia por completo, por isso que no artigo *O Integralismo é cópia?* Cascudo defendeu o Integralismo como um movimento tipicamente nacional, enfatizando o fato de que a AIB adotava algumas características do nazi-fascismo, mas não era uma cópia fiel dos regimes totalitários europeus. Em *Minha Luta*, Adolf Hitler definiu com muita clareza o papel do propagandista dentro de um movimento de extrema direita:

O fim da propaganda não é educação científica de cada um, e sim chamar a atenção da massa sobre determinados fatos, necessidades, etc., cuja importância só assim cai no círculo visual da massa (...) Toda propaganda deve ser popular e estabelecer o seu nível espiritual de acordo com a capacidade de compreensão do mais ignorante dentre aqueles a quem ela pretende se dirigir (...) deve-se proceder com o máximo cuidado, a fim de evitar concepções intelectuais demasiadamente elevadas.⁵⁶

⁵⁶ HITLER, Adolf. *Minha Luta*. São Paulo: Centauro, 2001. (5ª ed.). p. 135.

Dentro da estrutura organizacional de propaganda da AIB, Cascudo parece ter ocupado um cargo semelhante ao que Joseph Goebbels ocupou dentro do Nacional-Socialismo alemão. O Ministro da Propaganda nazista escrevia discursos e artigos nos quais propagava a ideologia do *Führer* de forma a disciplinar a massa, interpretando o pensamento elaborado por intelectuais do partido. Assim como Cascudo, Goebbels tinha como objetivo tornar o discurso oficial acessível às classes mais populares, nesse caso da Alemanha. Na *Babilônia* de Cascudo encontra-se um discurso de Goebbels pronunciado durante o Congresso do Partido Nacional-Socialista, ocorrido em 1936, o qual trás duras críticas, ao comunismo associando o bolchevismo soviético e a comunidade judaica. O livro tem grifos feitos por Cascudo apenas quando Goebbels fala sobre a matança de crianças promovida pelos bolcheviques, dando a crer que isso apenas tenha chamado a atenção de Cascudo para a forma de violência praticada pelos soviéticos contra suas crianças.⁵⁷

Poucos são os grifos de Cascudo nos livros integralistas que compõem sua biblioteca. Mas, o livro *Brasil colônia de banqueiros*, de Gustavo Barroso traz marcas que comprovam a prática de utilização dos manuais integralistas nas publicações propagandistas de Cascudo.

No artigo “A dívida externa do Rio Grande do Norte”, publicado na *A Offensiva*, Cascudo publicou o que ele define como “Nota para a terceira edição do “Brasil, Colônia de Banqueiros”, de Gustavo Barroso”, e faz alguns acréscimos com relação a dados estatísticos de empréstimos realizados pelo Rio Grande do Norte e que não aparecem na primeira edição do livro de Barroso. Cascudo utilizou-se do artigo para promover ataques contra a política de empréstimos a altos juros promovida, durante a década de 1920, pelo Governo norte-riograndense, acarretando a crise econômica que devastou os comerciantes locais, inclusive

⁵⁷ GOEBBELS, Joseph. *O Bolchevismo na teoria e na prática*. 1936.

tendo o Coronel Cascudo, pai e primeiro mecenas do escritor, como uma das principais vítimas de tal crise. Mas o que estamos levando em conta nesse caso é a utilização do livro de Barroso como base na escrita do artigo integralista de Cascudo, utilizando o pensamento e as informações do livro, o qual, em seu artigo ganha um caráter apologético. Ele chama à atenção do público ao trazer à tona um problema que afetava a sociedade e, por fim, mostra a ciência que a AIB tem desse problema e sua preocupação em resolvê-lo: “Brasil, Colônia de Banqueiros! O passo de teus libertadores se aproxima de ti. Aprende a levantar o braço e gritar ‘anauê’. São dois gestos que têm o segredo de partir a infâmia de tuas algemas de ouro!”⁵⁸.

Contudo, quando indagados a respeito da função de Luís da Câmara Cascudo no programa político da Ação Integralista Brasileira, conclui-se que o erudito tinha um objetivo claro: interpretar o discurso oficial dos dirigentes intelectuais da AIB, incorporando, de forma simplificada e popular, a ideologia integralista ao imaginário popular. Cascudo trabalhou na disciplinarização da sociedade utilizando a propaganda jornalística como ferramenta de persuasão e convencimento, valendo-se do seu prestígio social e erudito junto à população norte-rio-grandense e brasileira. Ele procurou resgatar o sentimento nacionalista, buscando na cultura popular e no combate ao internacionalismo comunista, a essência perdida do homem brasileiro, o mesmo que existiria em um Brasil anterior à chegada da modernidade e sua nova organização das pessoas e do espaço, um país que seria hierarquicamente organizado e levava consigo um sentimento paternalista nas relações sociais. Porém, Cascudo não foi infiel às suas tradições, não jogou para segundo plano sua formação conservadora e cristã. Foi um homem que viu no projeto de Plínio Salgado uma forma de pôr em prática seu conservadorismo em prol de um Movimento que correspondia aos seus anseios. Antes de combater a anarquia de idéias existentes no Brasil, Cascudo foi um sujeito que sentia as crises dessa confusão

⁵⁸ A dívida externa do Rio Grande do Norte In: *A Offensiva*. Rio de Janeiro. 06.12.1934.

ideológica, e que necessitava de um amparo discursivo para se localizar dentro do campo de batalha dos pensamentos um homem necessitando de afago na sua alma abalada com a avalanche de mudanças trazidas pelos anos 30. Isso hoje está oculto nas falas de quem o conheceu e em suas biografias, nas quais tentam esquecer a importante contribuição para o pensamento político brasileiro desse integralista, um dos mais importantes estudiosos da cultura brasileira no século XX.

O PROCESSO DE SILENCIAMENTO DA BIOGRAFIA VERDE...



Gustavo Capanema (ao microfone), ministro de Educação e Saúde Pública, por ocasião do lançamento da pedra fundamental do novo prédio do ministério, no Rio de Janeiro. À sua direita, Carlos Drummond de Andrade, chefe de Gabinete do ministro. FONTE: *Revista Nosso Século*, v. 3. n. 17. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

CAPÍTULO III

O PROCESSO DE SILENCIAMENTO DA BIOGRAFIA VERDE...

Se existe, pois, uma função histórica, que especifica a incessante confrontação entre um passado e um presente, quer dizer, entre aquilo que organizou a vida ou o pensamento e aquilo que hoje permite pensá-los, existe uma série indefinida de “sentidos históricos”.

*Michel de Certeau*⁵⁹

“A primeira fase de vossa ilustre instituição [**Academia Brasileira de Letras**] decorreu às margens das atividades gerais [...] Só no terceiro declínio deste século operou-se a simbiose entre homens do pensamento e ação”. [Grifos meus]⁶⁰

O processo de consolidação do Estado Novo, em fins da década de 1930 e na primeira metade dos anos 40, fez com que Getúlio Vargas propiciasse aos letrados brasileiros um espaço privilegiado na política cultural brasileira. Em sua posse na Academia Brasileira de Letras (ABL), o presidente brasileiro rebateu a famosa frase de Machado de Assis, a qual afirmava que “a Academia Brasileira de Letras tem que ser o que são as instituições análogas: uma torre de marfim”⁶¹. Vargas criava, desde sua tomada do poder em 1930, espaços de produção do saber para a locar os “homens de pensamento”, com intuito que estes pudessem atuar junto ao Regime, legitimando a ideologia autoritária e harmonizando o discurso estatal

⁵⁹ CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. São Paulo/Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (2ª ed.).

⁶⁰ VARGAS, Getúlio. 1944. *apud*. VELOSO, Mônica Pimenta. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo. In: FERREIRA, Jorge. p. 151.

⁶¹ [ibid]. p. 150.

com o intelectual ⁶². Os espaços criados por Vargas trouxeram condições para que aqueles que dependiam essencialmente das letras pudessem ter um lugar para suas produções. E em troca, esses mesmos homens trabalhariam em prol do Regime, a fim de legitimar as ações e traduzir a ideologia do Governo, de forma que a massa pudesse compreendê-lo sem fazer associações de caráter totalitário ao regime, e ganhando ares de democracia, principalmente após a aliança entre os Governos do Brasil e dos Estados Unidos, na Segunda Guerra Mundial.

Em o *Estado Autoritário e a Realidade Nacional*, Azevedo Amaral traça características que dão ao Governo, e ao homem Vargas, um caráter legítimo e democrático, sempre associando o discurso autoritário a uma estratégia para a reorganização do Estado brasileiro. Amaral constrói, durante toda a obra, um discurso associando autoritarismo e democracia. O ano do livro, 1938, traça um entendimento da necessidade de sua publicação. Um ano após o Golpe que culminou com o Estado Novo, era necessário construir um discurso que amenizasse a apreensão popular e intelectual, afinal, como mesmo diz Amaral, os anos 30 no Brasil foram de completa “anarquia de idéias”. Foi função de Azevedo Amaral minimizar o caráter ditatorial do Regime Vargas, associando a democracia ao caráter autoritário do Estado. Segundo Amaral, essa característica autoritária do Estado Novo era necessária em nome da salvação coletiva da Nação, pois, o Estado autoritário poderia “harmonizar-se perfeitamente com o estilo do Regime Democrático”⁶³ brasileiro, chegando a afirmar, acertadamente, que o “Estado Autoritário não é Estado Totalitário”⁶⁴.

Com isso, o presidente angariava aqueles homens que possuíam condições de promover uma defesa ao Regime, uma vez ao lado do Governo (inclusive sendo muitas vezes sustentados por ele) os letrados estariam atrelados, de uma forma ou de outra, à ideologia e os

⁶² Com a participação dos homens de pensamento no programa cultural e educacional do Estado Novo, Vargas pretendia utilizar-se desses homens para que eles promovessem a interação entre o Estado e a Nação, servindo de tradutores e propagandistas ideológicos e políticos do Regime.

⁶³ AMARAL, Azevedo. *O Estado Autoritário e a Realidade Nacional*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938. (1ª ed.) p. 195.

⁶⁴ *Ibid.* p. 204.

parâmetros políticos do Estado Novo. Inclusive, muitos desses letrados, ao aliam-se à Vargas, deixariam a periferia letrada e cultural do país e ocupariam posições privilegiadas dentro do Ministério da Educação e do Departamento de Imprensa e Propaganda durante o Estado Novo⁶⁵.

De forma geral, esses letrados ocuparam a função de legitimadores e tradutores do Regime Vargas. Sob um ponto de vista mais específico, Vargas implantou no Brasil medidas idênticas às aquelas adotadas pelos regimes totalitários da Europa, principalmente aquele adotado por Joseph Goebbels na Alemanha hitlerista. No caso brasileiro, Vargas promoveu um reordenamento das práticas letradas, angariando os homens das letras para os quadros intelectuais do Estado, dando a esses a função de atuarem juntamente aos órgãos que estavam associados à educação e a ordenação das massas. Para nossa análise, basta que entendamos as práticas políticas promovidas pelo Ministério da Educação, principalmente a partir das ações do seu Ministro, que foi um dos mais importantes e influentes nomes da Era Vargas: Gustavo Capanema.

Gustavo Capanema comandou o Ministério da Educação desde 1935, mas, com o advento do Estado Novo após o Golpe de 37, o aparelho estatal promoveu a expansão das instituições culturais, criando cursos de ensino superior e instituições ligadas à produção do saber cultural e educacional brasileiro, com o intuito de propagar a ideologia do Regime e aumentar a influência do Governo Federal nas esferas de produção intelectual no Brasil. Essas atitudes aumentaram o poder e o prestígio do Ministério de Capanema, que passou a ter a função de fiscalizar, coordenar e intervir em praticamente todas as instâncias ligadas à produção de saber.

⁶⁵ Carlos Drummond de Andrade é um exemplo clássico dessa tomada de postura junto ao Estado Novo. Embora não estivesse à margem das letras no Brasil, sentia a importância de estar em consonância com o discurso varguista, e modelou seu discurso para assumir um cargo administrativo no Ministério da Educação de Gustavo Capanema, assumindo uma importante secretaria no governo de Getúlio Vargas durante o Estado Novo.

Durante os anos 30, embora tenha ocorrido um “boom” no número de publicações de livros, as produções culturais eram bastante restritas e tinha um raio de ação muito reduzido.⁶⁶ Nessas condições, o Estado comandado por Vargas passou a ocupar a posição de *mecenas-mor* no Brasil, apoiando e financiando variados projetos culturais e educacionais no país, principalmente daqueles letrados que sempre, ou quase sempre, dependeram do capital público para financiar suas publicações.

Gustavo Capanema tornou-se no Estado Novo a liderança símbolo do renascimento cultural brasileiro, ou, talvez, do primeiro momento mais importante da cultura nacional. Isso claro, se levarmos em conta que foi no Estado Novo que o Governo financiou e apoiou os movimentos culturais e letrados do Brasil, inclusive empregando letrados em seus quadros e dando a esses espaços privilegiados para atuação dentro do Regime. Sabendo-se desse fato, muitos letrados iniciaram uma aproximação com o Estado Federal, e incorporaram seus discursos à ordem discursiva do Estado Novo, buscando adaptarem-se ao projeto cultural desenvolvido por Vargas, de forma a contribuir com a política estado-novista.

Com a falência da AIB no pós-37, Câmara Cascudo iniciou uma aproximação mais intensa e direta com o Estado Federal. Assim como muitos outros integralistas, Cascudo parece ter sido um letrado que percebeu a importância da aliança da AIB com Vargas e, principalmente, entendeu que de nenhuma forma a AIB conseguiria por si só empreender uma Revolução Cultural como desejava. Contudo, Cascudo procurou estabelecer uma ligação direta com o Regime Vargas de forma a angariar um espaço para suas produções dentro dos projetos desenvolvidos e financiados por Gustavo Capanema e seu Ministério. Em fins de 1937, após o Golpe de Novembro daquele mesmo ano, Cascudo iniciou seu processo de aproximação junto ao Ministro Capanema como forma de não correr o risco de, novamente, incrustar nos arrecifes da política e ser transformado outra vez em ostra.

⁶⁶ ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1986. (2ª ed.). p. 80-82

3.1 Capanema: A necessidade de todo letrado nacionalista.

Recém saído do ostracismo social e político (ao qual esteve relegado desde a falência de seu pai em fins dos anos 20) graças a sua aliança com o interventor Mário Câmara, Luís da Câmara Cascudo era, em 1937, uma liderança integralista que apoiava a política interventorial e autoritária de Vargas, bem diferente daquele Cascudo dos anos de 1932-33, que apoiava o colega Mario de Andrade que sofria com a política interventorial promovida pelo Catete. A esse ponto da trajetória de vida, tanto do erudito potiguar quanto do escritor paulista, Vargas já não ocupava a cadeira do mal, na luta maniqueísta entre os homens das letras e o ditador gaúcho. Com a extinção da AIB enquanto partido político, após o Golpe de novembro de 1937, Cascudo se manteve aliado ao Poder Federal, talvez muito pelo fato de ter percebido os espaços que estavam sendo destinados aos letrados nos ministérios e nas instituições criadas por Vargas. Sendo Capanema o homem que estaria à frente das relações entre Estado e letrados, coube a Cascudo iniciou um diálogo com o ministro o quanto antes.

exmº sr. dr. Gustavo Capanema
meu ilustre amigo

Tomo a liberdade de desejar a V. Excia. um 1938 tranqüilo e generoso. Pensava em avistar-me com V. Excia. logo em princípios de janeiro mas a inauguração do Liceu Literário foi adiada e com ela minha viagem até o Rio.⁶⁷

Dentro dos arquivos pessoais de Gustavo Capanema, localizados no CPDOC da Fundação Getúlio Vargas (FGV) sediado no Rio de Janeiro, essa é a primeira correspondência

⁶⁷ CPDOC / FGV. GC b Cascudo, L. b. 0818. 30.12.1937.

que encontramos entre Câmara Cascudo e o Ministro da Educação Gustavo Capanema. A carta, enviada no mês de dezembro de 1937, menos de um mês após o Golpe de Estado, que ocorreu em novembro daquele mesmo ano, transmite a intenção de Câmara Cascudo em participar do projeto educacional e cultural do Estado Novo. O curto espaço de tempo entre esse contato de Cascudo e Capanema e a extinção da AIB, com o Golpe de 37, é determinante para que possamos entender a postura política adotada pelo erudito potiguar após seu afastamento da AIB. É nela que encontraremos, por exemplo, a primeira tentativa explícita de Cascudo em tentar se inserir nos futuros planejamentos e projetos do Ministério da Educação.

Sendo o Estado Novo uma etapa na afirmação de Vargas no poder (adotando para tal um discurso nacionalista muitas vezes exacerbado, carregado de um discurso claramente populista, característica típica de governos autoritários), o Ministro Capanema seria o responsável por fortalecer o espírito nacional na educação e na cultura brasileira. Percebido isso, Cascudo se dispôs a trabalhar no fortalecimento do nacionalismo e, por conseguinte, do Estado centralizador de Vargas, substituindo em seu imaginário a figura do líder Plínio Salgado pela imagem paternalista e superior de Getúlio Vargas.

Oferecendo seus serviços, em sua correspondência a Gustavo Capanema, Cascudo sugeriu a constituição de uma coleção que deveria ser intitulada *História do Brasil*, a qual estaria:

[...] dividida em tantos tomos quantos fosse os Estados e mais o Acre. V. Excia. convidaria os futuros autores indicando a forma do volume que deveria ter umas 250 a 300 páginas, no máximo e dar um aspecto sociológico, econômico e histórico ao trabalho, sem os rigores da cronologia inexpressiva [...] ⁶⁸

⁶⁸ CPDOC / FGV. GC / Cascudo, L. b. 0818. 30.12.1938.

Valendo-se do fato que cada Estado deveria indicar um nome de credibilidade e reconhecimento popular para escrever acerca da história do seu reduto, Cascudo, certamente, seria o encarregado de escrever o tomo referente ao Rio Grande do Norte, pelo motivo de ser historiador local de maior destaque, bem como por ser o autor da proposta⁶⁹. Sua aproximação com Gustavo Capanema, através dessa carta, nos revela ainda a visão positivista da ciência e da história que embasa os trabalhos de Cascudo dos anos 30 e 40. Ao justificar sua sugestão sobre a *História do Brasil*, o erudito potiguar afirmou que “em pouco mais de cinco anos teríamos a História do Brasil **completa, clara, documentada e real e não fracionada** como a possuímos”⁷⁰ [grifos meus]. Por fim, Cascudo se despede do Ministro deixando sua idéia “como uma sugestão serôdia e bem intencionada”⁷¹, demonstrando a intenção que Cascudo tinha em participar dos projetos do Ministério da Educação.

A necessidade de aproximação de Câmara Cascudo com o Ministério de Gustavo Capanema pode ser entendida quando percebemos o Estado Federal como o grande mecenas da cultura e da educação no Brasil. O Estado autoritário (assim como ocorrerá nos governos militares nos anos 70) subsidiou letrados e artistas que estavam sendo postos à margem do mercado artístico e editorial. O mecenato público sustentou e criou cargos para uma parcela de letrados que passam a depender significativamente do aparato oficial.⁷²

Nesse momento específico dos anos 30, Câmara Cascudo encontrava-se inserido em um grupo de letrados que tendiam a valorizar a cultura brasileira através dos estudos das manifestações culturais das classes dominadas, procurando no entendimento dessa cultura

⁶⁹ Menos de dois anos após apresentar o projeto de trabalho *História do Brasil*, Cascudo concede entrevista ao jornal *A República* afirmando: “O Dr. Aldo Fernandes, Secretário Geral do Estado, encarregou-me de fazer uma “História do Rio Grande do Norte”, que já está no 5º capítulo. Lembre-se você, Rômulo, que a nossa história mais recente foi publicada a 19 anos. E há muita coisa que dizer, além do que não foi dito.” Como vive um escritor em Natal. In: *A República*. 25.02.1940.

⁷⁰ CPDOC / FGV. GC / Cascudo, L. b. 0818. 30.12.1938.

⁷¹ Ibid.

⁷² MICELI, Sérgio (org.). *Estado e cultura no Brasil*. São Paulo: DIFEL, 1984. p.98.

resgatar as raízes da nacionalidade, atuando como defensor da cultura popular contra os ataques do progresso, “adotando uma postura paternalista e essencialmente museológica”.⁷³ Além disso, como folclorista, Cascudo entendia que o povo por si só não possuía condições de identificar e entender a cultura popular, mesmo praticando-a. Na visão do folclorista, o povo dependia de um intermediário que lhe indicasse a importância da cultura popular e lhe mostrasse o quão carregado de sentimento nacionalista eram as práticas culturais populares. O estudioso do folclore seria esse interprete que reconheceria nas raízes da cultura popular a essência do nacional e a origem das práticas culturais.

De certa forma, essas características descritas acima foram aquelas que constituíam parte do Cascudo que se apresentou a serviço do Estado Novo, idéias que já lhe acompanhavam desde o início dos anos 30 e que amadureceram durante sua passagem pela Ação Integralista Brasileira. Parece ter sido essa a posição que o erudito quis ocupar dentro do Ministério de Capanema: o de defensor da cultura popular e legitimador do discurso nacionalista do Estado Novo. Cascudo encarava seus estudos etnográficos e folclóricos essenciais para se entender a figura do homem brasileiro, e através dessas ferramentas de análise poder-se-ia buscar a origem da brasilidade. O erudito potiguar viria a definir “esses estudos como indispensáveis e lógicos para a cultura nacional”⁷⁴.

Dentre as várias características da atuação do Estado, durante o Estado Novo, destacam-se algumas que despertaram o interesse daqueles denominados, por Boris Fausto, “intelectuais autoritários”. Esse grupo caracterizava-se não por possuir um comportamento totalitário, nem preconceituoso, mas sim por ser formado por homens de pensamento conservador. Isso que dá ao conceito de autoritarismo um sentido ligado à forma de se exercer as práticas políticas de forma hierarquizada e conservadora, obedecendo formas tradicionais

⁷³ OLIVEN, Ruben George. A Relação estado e Cultura no Brasil: cortes ou continuidades?. In: MICELI, Sérgio. *Estado e cultura no Brasil*. São Paulo: DIFEL, 1984. p. 44.

⁷⁴ CASCUDO, Luis da Câmara. Quase depoimento. In: CAVALHEIRO, Edgard (org). *Testamento de uma geração*. Porto Alegre: Globo, 1944.

de relações sociais e valores morais. Cabe, ainda, explicar que o conceito de intelectual utilizado por Fausto refere-se à forma como qualquer homem das letras era designado pelo Estado Novo: todos aqueles ligados às áreas que possuísem relação com as letras eram imediatamente referidos como intelectuais. A partir de uma rápida observação, o leitor pode perceber que os conceitos de intelectual, letrado e erudito foram sempre empregados de forma a distinguir as posições de cada um a partir de um olhar contemporâneo, enquanto o conceito de intelectual usado por Fausto designa qualquer sujeito que possuísse ligação com as letras, assim como o termo fora usado nos anos 30. Assim, podemos admitir que Cascudo se enquadre na designação de “intelectual autoritário”, sugerido por Boris Fausto. Afinal, a crítica ferrenha da democracia liberal, dos partidos políticos e das eleições dava ao erudito potiguar uma posição autoritária frente aos processos democráticos de sua época.

Segundo Boris Fausto

os intelectuais autoritários identificaram-se com o regime por suas características mais evidentes – supressão da democracia representativa, carisma presidencial, supressão do sistema de partidos, ênfase na hierarquia, em detrimento de mobilizações sociais, ainda que controladas. Mais ainda, encontravam na figura de Getúlio Vargas os traços do presidente ideal, tanto mais que nunca foram defensores de uma solução militar, encarnada em figuras como os generais Dutra e Góes Monteiro.⁷⁵

A partir da interpretação do trecho acima, consegue-se perceber a construção da figura do líder paternal tão presente no imaginário cascudiano. Com o fim da AIB cai também o referencial de líder adotado por Cascudo, assume Vargas o posto deixado por Plínio Salgado como referência de liderança para Câmara Cascudo. Vargas passa a ser o homem que conseguia abarcar todas as forças necessárias para manter o poder, aquele que possuía a

⁷⁵ FAUSTO, Boris. *O pensamento nacionalista autoritário*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor 2001. p. 22.

habilidade nata de governar, de conduzir a massa e exaltar o sentimento nacional deturpado desde o fim do período imperial brasileiro. Mais que isso, Vargas seria aquele que percebia a importância dos letrados na condução do país, notando que os homens das letras eram aqueles que possuíam a habilidade necessária para que se fizesse a fusão entre Estado e a idéia de Nação.

Não é de se admirar que um homem como Cascudo, sintonizado com seu tempo, tenha ficado ao lado do Estado Novo após o fim da AIB, uma vez que, Vargas era a perfeita encarnação do líder imaginado por Cascudo, aquele que havia nascido para a arte de governar, sem necessitar da democracia para alcançar um importante posto de liderança política, ele simplesmente era o nato líder; o homem capaz de hierarquizar a sociedade, pondo aqueles que nasceram para governar em seus devidos postos e os demais nos seus devidos lugares, o povo na condição de povo, não de líder. Além disso, o Estado Novo oferecia a Cascudo uma função de tradutor de uma ideologia e de práticas, da mesma forma como atuava nos periódicos da AIB.

Um outro fator explicativo nesse processo de aproximação entre os “intelectuais autoritários” e a ideologia do Estado Novo refere-se ao apoio político das ordens e das correntes católicas conservadoras ao Regime Vargas. A relação entre conservadorismo e educação e clientelismo e patrulhamento ideológico pode ser observado a partir dos mecanismos de favorecimento e pressão de grupos conservadores cristãos junto às práticas culturais e educacionais estabelecidas por Vargas. Em carta de Tristão de Athayde (um dos mais influentes teóricos brasileiro da teologia cristã) à Gustavo Capanema, o letrado católico apóia o discurso de ataque promovido pelo Estado Novo contra os letrados liberais e de esquerda.

Os católicos meu caro Capanema, não querem do governo, nem privilégios, nem subvenções, nem postos de *responsabilidade* política. Não tivemos a ambição do poder, nem é por meio da política que esperamos desenvolver nossos trabalhos. Estamos, portanto, perfeitamente à vontade para colaborar com o Estado em tudo o que interessa ao bem comum da nacionalidade. Esse interesse coletivo, que tanto interessa ao Estado como à Igreja, nós o queremos alcançar por meios diversos se bem que não antagônicos. De modo que nosso empenho é pôr honestamente em prática a nossa atividade social sem que isso implique na mínima usurpação dos poderes do Estado[...].⁷⁶

O apoio de Tristão de Athayde revela o apoio que os letrados conservadores e cristãos davam ao Regime Vargas, inclusive oferecendo suporte intelectual para a defesa do sistema, principalmente no combate ao discurso comunista. O apoio dessa fração cristã dos letrados conservadores no Brasil, de certa forma, definia a posição de Cascudo dentro do campo de combates entre o Estado de Vargas e a ideologia comunista, o grande espantinho para os cristãos, neste período. Cascudo era um leitor de Tristão de Athayde e boa parte dos seus escritos é, se não baseado, influenciado pelo pensamento teológico de Athayde. Além disso, Athayde era um dos mais influentes letrados católicos junto a Capanema, o que aproximava Cascudo desse ciclo, dessa ordem política existente naquele momento. A influência de Athayde junto a Capanema é explicitada quando o intelectual católico é designado como reitor da Universidade do Distrito Federal (UDF), sediada na cidade do Rio de Janeiro. Sua missão era conter o avanço do pensamento marxista, que estaria se difundindo rapidamente naquela instituição. Por interferência da Igreja e do próprio Athayde, o Ministério da Educação o designou para que as devidas providências fossem tomadas contra o avanço do pensamento marxista na UDF.⁷⁷

⁷⁶ Carta de Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde) a Gustavo Capanema, 16.06.1935 Apud SCHWARTZMAN, Simon. *Tempos Capanema*. Rio de Janeiro/São Paulo. Paz e Terra/EDUSP, 1984. p. 297-301. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *Documentos de História do Brasil*. São Paulo: Scipione, 1997.

⁷⁷ Sobre a interferência de Tristão de Athayde junto a Universidade do Distrito Federal (UDF) ver: ALMEIDA, Maria Ermínia Tavares de. Dilemas da Institucionalização das Ciências Sociais no Rio de Janeiro. In: MICELI, Sérgio. *História das Ciências Sociais no Brasil*. p. 223

Dentro desse ambiente favorável aos letrados conservadores, muito por interferência da ala letrada cristã, Câmara Cascudo assumiu o posto de defensor do Estado Novo após novembro de 37. Aliás, em nenhum momento da sua trajetória integralista, Cascudo pareceu (claramente ou publicamente) vestir o capuz de um algoz contra a figura de Vargas ou seus subordinados, apenas uma vez Cascudo pronunciou contra o Regime, mas não contra a figura do ditador.⁷⁸

Em sua correspondência com Gustavo Capanema, Cascudo faz questão de afirmar seu respeito pela figura do mais influente e poderoso Ministro de Getúlio. Ao agradecer um exemplar de Gaspar Barleus, ele afirmou:

Na impossibilidade de agradecer a V. Excia. o livro que só enriquece com o autografo afetuoso de nosso grande Ministro da Educação, direi apenas que, brasileiro e nacionalista, estou orgulhoso pela dádiva cultural com que V. Excia eleva o horizonte literário do Brasil.⁷⁹

Embora não tenha diretamente atuado no Ministério de Capanema (como foi o caso de Mario de Andrade e Carlos Drummond de Andrade, por exemplo) Cascudo manteve seu vínculo com os interventores federais que sucederam Mario Câmara: Rafael Fernandes (1935-37) e Antônio Fernandes Dantas (1937-45). Foi durante esse período que Cascudo publicou uma série de livros financiados pelo Governo Interventorial⁸⁰, através da Imprensa Oficial, estreitando seu vínculo com as lideranças locais do regime. É interessante percebermos nesse

⁷⁸ Entre fevereiro e março de 1933, Cascudo troca uma carta com Mario de Andrade criticando o sistema interventorial adotado por Vargas. Não é uma crítica direta, mas não deixa de ser uma alfinetada no regime político-administrativo de Getúlio Vargas. In: SÁ GOMES, Edna Maria Rangel de. 1999. p. 207-209 e 308-311.

⁷⁹ CPDOC / FGV. GC / Cascudo, L. b. 2. out. 1940.

⁸⁰ Dentre as publicações estão: *O Doutor Barata, político, democrata, jornalista* (1938); *O Marquês de Olinda e seu tempo* (1938), . Todos esses livros, de alguma forma, estão associados a editoras de caráter público.

momento da relação de Cascudo com os interventores pós Mario Câmara que os nomes que passaram a assumir a interventoria no Estado eram membros oriundos das tradicionais famílias oligárquicas do Rio Grande do Norte, homens que, de alguma forma, já possuíam uma ligação com Cascudo e que contavam com ele para que colaborar no processo de legitimação do Estado Novo junto à sociedade norte-rio-grandense.

As lideranças políticas locais sempre procuraram se utilizar da imagem pública de grande erudito de Câmara Cascudo ganharem ares de credibilidade e popularidade aos governos. É imprescindível lembrar que sempre, na trajetória biográfica de Cascudo, houve uma troca de “favores” entre o erudito e o Estado. Como muitos importantes letrados do seu tempo, Câmara Cascudo apresentou-se como um sujeito que percebia a importância e o fascínio que exercia junto à sociedade, no caso, junto aos potiguares, a ponto de inserir-se no imaginário local de tal forma que essa imagem se perpetua até nossos dias. Da mesma forma que o escritor necessitava do Estado para financiar seus estudos e obras, o Estado era carente de homens importantes junto à massa, que legitimassem os governos e que dessem credibilidade às suas ações. No Rio Grande do Norte esse homem respondia pelo nome de Luís da Câmara Cascudo.

3.2 Novas ordens, novos discursos, um só silêncio: o processo de silenciamento de um (ex)Camisa Verde.

No momento em que se estuda a biografia cascudiana dos anos 30 e 40 é importante lembrar o quanto o Governo Estadual estava em sintonia com o Poder Federal. Afinal as lideranças estaduais eram nada mais que tentáculos do gigantesco polvo que foi a estrutura montada por Getúlio Vargas durante a primeira fase da sua Era. Ao estreitar sua ligação com

os interventores locais, Cascudo participava de forma discreta do planejamento estabelecido pela política do Estado Novo, que visava iniciar e fortalecer a estatização da educação e da cultura nacional. Com esta estatização, pretendida pelo Regime Vargas, desejava-se centralizar a produção e a atuação dos produtores dos saberes, logo, tornava-se fundamental estabelecer alianças entre o intelectual com o Estado, no intuito de estarem presentes nas principais ordens e decisões políticas do país. Cascudo que, nesse momento, já possuía uma forte ligação e consolidava uma tradição junto aos membros da política local assumia cada vez mais uma postura apartidária e ao mesmo tempo política, atuando de forma constante na legitimação dos homens públicos e dos governos locais, principalmente aqueles que estavam aliados à Gustavo Capanema e Getúlio Vargas.

Assim como sua clara postura política nos anos 30 é ofuscada em suas biografias, os envolvimento políticos de Cascudo também se tornam uma neblina quando procuramos estudar sua ideologia política. São essas lacunas que tornam o assunto atraente e ao mesmo tempo difícil de se analisar. Conseqüentemente, esse silenciamento acarreta uma série de indagações que, por não serem claras e quase sempre pouco estudadas com o devido cuidado e respeito, acabam ganhando contornos desfigurados e mal compreendidos por aqueles que buscam a construção de uma biografia histórica para a vida de Câmara Cascudo. Todavia, são essas características que tornam Cascudo um objeto de análise fascinante quando se procura um exemplar de letrado conservador, típico dos anos 30, pois ele é aquele que trouxe todas as angústias de um homem do seu tempo e que teve atrelado a si as raízes de um passado tradicional e hierarquizado que a cada dia ia sendo dizimado e posto na memória do tempo pelo progresso. Cascudo como saudosista que sempre foi, sentia saudades do habitat da sua infância e se apavorava com a avalanche de mudanças promovidas pela modernidade e seus novos conceitos e práticas liberais e democráticas.

O silêncio sempre foi uma constante na biografia cascudiana. E esse silêncio foi responsável por manter várias das características, dos traços, das imagens que são ditas como peculiares de Cascudo, como por exemplo seu apartidarismo, uma forma silenciosa de participar da vida política, fazendo com que suas práticas ganhassem um aspecto apolítico. Se posicionar como partidário silenciava o Cascudo político, pois ao definir-se partidário desejava que suas práticas políticas tornassem-se silenciosas, ocultas. O silêncio político que sempre operou no erudito potiguar só se tornou exposto quando da sua participação na Ação Integralista Brasileira e seu intenso engajamento no projeto de Plínio Salgado. Mas, o silêncio que operava em torno do Cascudo político de fins dos anos 30, é o mesmo que vai possibilitar a transição do erudito de uma ordem discursiva para outra, sua saída da AIB para os quadros ideológicos do Estado Novo, sem que isso apareça explicitamente em suas biografias. O receio de muitos em trabalhar com esse período da vida de Cascudo pode estar associado à forma silenciadora com a qual o próprio erudito tratou essa passagem da sua biografia. Talvez, pelo preconceito que, se estabeleceu por aqueles que em nome da democracia, venceram o autoritarismo após a Segunda Guerra Mundial.

De toda forma, o silenciamento da atuação pública e política do mais importante e influente camisa-verde potiguar começou a se processar com o próprio Cascudo, logo após o Golpe de novembro de 1937. O primeiro motivo que pode ter iniciado o silenciamento do Cascudo integralista foi a tentativa frustrada de atentado contra Getúlio Vargas pelas lideranças radicais da AIB logo após a proclamação do Estado Novo, em 37⁸¹. Com toda perseguição política e policial que se seguiu, e a evidente caça promovida contra os integralistas, Cascudo talvez tenha se sentido mais a vontade em continuar ao lado de Vargas

⁸¹ Após o Golpe de 37 as relações entre Vargas e Salgado foram extremamente abaladas, ao ponto de Vargas renegar de vez o apoio da AIB, excluindo qualquer possibilidade de participação da AIB nos quadros superiores da administração, no Estado Novo. Em 11 de maio de 1938, os integralistas insatisfeitos com o fechamento da AIB, invadiram o Palácio Guanabara, numa tentativa de deposição de Vargas. Esse episódio ficou conhecido como Levante Integralista.

e abandonar de vez o projeto de Plínio Salgado, justamente por dever acreditar que o programa da AIB, e a subida dos letrados a um alto patamar da política nacional, só se concretizaria se mantivesse sua aliança junto ao Governo Federal.

Durante toda a pesquisa não foi possível encontrar qualquer documento em que Cascudo criticasse Vargas, da mesma forma como não encontraremos qualquer crítica integralista contra Getúlio nesse período, inclusive próximo a novembro de 1937. As raras publicações integralistas que aparecem em *A República*⁸², por exemplo, não tecem críticas contra o Regime varguista e ainda promovem esporadicamente elogios ao Presidente da República, o que revela o quanto cauteloso foi o Golpe de 37.

O silêncio que se estabelece e cria uma lacuna relativa à participação integralista na biografia de Câmara Cascudo é considerado um silêncio fundador, por ter sido propositalmente construído pelo próprio sujeito silenciado⁸³. O período que se refere a essa participação de Cascudo junto a AIB teve que ser silenciado para que não se estabelecesse um empecilho com relação às futuras publicações do erudito potiguar e não ameaçasse suas funções quanto funcionário público. Para isso, foi necessário sintonizar seu discurso à ordem discursiva do Estado Novo que concentrava os saberes institucionais e organizava os projetos culturais, dos quais dependiam a maior parte dos letrados do país, além de angariar e centralizar a atuação dos homens das letras dentro de um único projeto em prol do Estado Nacional brasileiro.

Cascudo percebeu que o Estado Novo seria o mais forte mecenas das letras no país e, da mesma forma que alguns escritores que durante algum momento se pronunciaram contra

⁸² Listar os artigos, ou mesmo as notas integralistas durante todo o ano de 1937 reservaria um espaço considerável aqui. Para efeito de estudos mais aprofundados acerca dos artigos integralistas sobre Vargas que foram publicados no Rio Grande do Norte, recomendo ver toda a coleção de *A República* do ano de 1937 que se encontra no arquivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN).

⁸³ ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. São Paulo: UNICAMP, 1997. (4ª ed.). p. 70

o Regime, como Mario de Andrade⁸⁴, por exemplo, teve que se render à política centralizadora do Estado Novo e aderir ao projeto estabelecido por Gustavo Capanema. Caso contrário correria o risco de não contar com qualquer tipo de suporte para o financiamento de suas futuras obras. Os anos que se seguiram na vida de Cascudo, dentro do ciclo que compreendeu o período entre 1937 e 1945 (o Estado Novo), foi um período que limitou o discurso de Cascudo, inclusive forçando-o a silenciar sua mais explícita participação política, sua participação junto à AIB, fazendo com que ele reinterpretasse sua relação com a política e as suas práticas integralistas.

Em determinadas épocas o sujeito é limitado a promover certos discursos, discursos que sempre obedecem a uma ordem e a um conjunto de regras. O discurso norte-americano de democracia, que se estabelece no período da Segunda Guerra Mundial e que sagrasse vencedor após o conflito, de certa forma, obriga, não só Cascudo, mas todos os letrados que estavam ligados ao Regime de Vargas a adotar o discurso democrático norte-americano. É nesse momento específico que os “intelectuais autoritários” passam a substituir, ou moldar, seu discurso autoritário, pois o mundo pós-Segunda Guerra não possuía espaço para a manutenção de discursos de caráter autoritário, como os adotados pelos regimes totalitários europeus, ou por movimentos tradicionais como a Ação Integralista empreitou no Brasil. O conceito de autoritarismo que sempre fora associado aos regimes, tanto de extrema direita quanto aos regimes de extrema esquerda, passa a ser associado aos discursos antidemocráticos promovidos pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e sua ideologia comunista. Embora a URSS já possuísse uma característica autoritária antes mesmo da Segunda Guerra, pois era por definição um país comunista, os soviéticos passam após 1945 a

⁸⁴ Mario de Andrade tornou-se uma das lideranças letradas mais influentes junto a Gustavo Capanema ocupando, inclusive, um cargo no Palácio do Catete no Rio de Janeiro no Ministério da Educação. Em carta de 20.08.1939, Cascudo denomina seu colega paulista de “Mario do Catete”, uma alusão ao cargo que Mario veio a ocupar no Ministério de Capanema. In: SÁ GOMES. 1999, p. 337.

ocupar o posto de inimigos da democracia norte-americana, cargo até então representado pela Alemanha totalitarista de Hitler e a fascista Itália de Mussolini.

O fim dos regimes autoritários de extrema direita deixa Cascudo em uma situação de aliança com a democracia que vai se definindo como única e legítima no imaginário mundial. O Governo do Brasil seguia a política norte-americana e, mesmo sob a tutela de um ditador com características conservadoras e autoritárias, adota o discurso democrático contra o autoritarismo totalitário europeu. O que, fez com que os letrados ligados ao Estado Novo promovessem uma forçada associação entre democracia e autoritarismo, diferenciando o autoritarismo dito democrático de Vargas do autoritarismo totalitário de Hitler e Mussolini⁸⁵.

Como se observa, existiram entre fins dos anos 30 até meados dos 40, fatores consideráveis que nos levam ao entendimento e a uma explicação para que Cascudo desse início a um processo de silenciamento daquele outro Cascudo que utilizou-se da máscara verde do integralismo, movimento que encantou muitos letrados brasileiros com uma proposta arrojada e inovadora em prol dos homens das letras no Brasil. Assim como outros letrados que sempre nos pareceram a uma primeira vista fortes e com um seguro aparato ideológico, Cascudo nos mostra que nem sempre um homem depende de suas vontades para sobreviver, nem sempre as ordens discursivas a que pertencemos são aquelas que nos proporcionará prazeres ou uma sensação de liberdade. Ao se inserir em um projeto conservador, tradicional e autoritário Cascudo não desejava uma vida de privações e limitações, imagens que, quase sempre, associamos aos regimes autoritários. Ao contrário, Cascudo foi um homem do seu tempo que via nessas características uma forma coerente de se viver, um sujeito que, embora pudesse ter dadas convicções, percebeu que todos nós somos obrigados a participar do jogo de poderes e de práticas políticas que nos sustentam em nosso cotidiano.

⁸⁵ Azevedo Amaral e Oliveira Viana são letrados que produziram obras que tentavam legitimar a posição democrática do Estado Novo, criando, após 1939, um discurso que associava a política autoritária adotada por Vargas como uma ferramenta para se alcançar uma democracia no Brasil. Para se perceber esta visão ver: AMARAL, Azevedo. *O Estado Autoritário e a Realidade Nacional*.

Seus escritos são os maiores testemunhos de um Cascudo que nunca renegou suas convicções políticas, ideológicas e morais. Essa que foi, como muitos nós somos, obrigado a utilizar-se do silêncio para manter-se em um mundo em que a derrota do nazi-fascismo e o retorno triunfante do discurso liberal, cada vez mais tratava de selecionar e regradar os discursos, como também fizera aqueles regimes. Em toda sua obra, o silêncio de Cascudo se fez falar. Em suas linhas expressava-se um homem angustiado que viu seu mundo, o cotidiano de sua infância, que tão bem funcionava, ser suprimido por idéias que o punham à margem, que o tratava como um homem ultrapassado e que duvidavam de suas produções. Cascudo foi um reacionário contra uma sociedade das regras, um sujeito que manteve-se sempre aliado a seu pensamento e as suas diretrizes de escritor descompromissado com regras, mas, que sempre sentiu orgulho de desobedecer aos mandos impostos pela modernidade. Da janela do Hospital Onofre Lopes, continuava nos anos 60 a tecer suas críticas contra os comportamentos e as posturas modernas, questionando as práticas e observando os corpos que andavam pela Praia dos Artistas muito diferentemente daqueles que caminhavam na praia da sua infância.⁸⁶

Cascudo foi aquele preocupado em não ser esquecido, pois não sendo esquecido tornar-se-ia um marco do período que definiu como lógico e coerente. Ao contrário do que pensamos, a sociedade norte-rio-grandense mantém uma forte ligação com o conservadorismo e o medo pela mudança, o medo pelo novo. O Rio Grande do Norte é uma clara exemplificação do tradicionalismo, tanto por ter uma sociedade esmagadoramente cristã quanto conservadora, quando analisa-se esta sociedade sob a ótica política. Cascudo foi o cavaleiro que cruzou o tempo, carregando a bandeira do seu tempo, talvez com o brasão do peixe Cascudo cercado pelos burgos do Principado que tanto rondou seus sonhos de criança, e que se perpetua em cada pinga de tinta que nos remete seus escritos. Imortalizando-se nas

⁸⁶ Ver: CASCUDO, Luís da Câmara. *Pequeno manual do doente aprendiz: notas e maginações*. Natal: EDUFRN, 1998.

memórias, o mais importante erudito potiguar conseguiu o que mais desejava: tornou-se um monumento sustentado pela solidez da mão que sai do tradicional e conservador solo norte-rio-grandense, ele foi o mais ilustre e representativo defensor do tradicional sangue potiguar.

Cascudo, como qualquer sujeito, sentia saudades dos melhores momentos da sua biografia, Cascudo sentia falta das condições de uma infância que se fez presente em toda sua trajetória de vida. Se dedicar a ciência fez dele um homem mais racional, preocupado com a verdade, a origem, a vontade de manter viva uma memória que lhe fazia bem. Trabalhar pela ciência e refletir sobre o papel do saber na compreensão de todas as suas atitudes ou de todos os seus gestos do cotidiano ao ponto de afirmar o quanto foi desgastante servir às letras durante toda sua vida e também servir àqueles que se servem dos letrados: “Meus olhos já não possuem a perspectiva do maravilhoso, normal nas crianças. Troquei pela ciência. Agora sei o quanto perdi...”⁸⁷



**MEMORIAL CÂMARA
CASCUDO:** Monumento construído
após a morte de Câmara Cascudo em
sua memória. O solo potiguar ergue o
seu mais ilustre defensor e filho.

⁸⁷ *Na ronda do tempo*: diário de 1969. Natal: Ed. da UFRN, 1998. p. 185.

CONCLUSÃO

Com o término desse estudo podemos chegar a algumas conclusões que devem ser levadas em conta quando abordagem da fase integralista da biografia de Luis da Câmara Cascudo, a partir do que se evidenciou através das análises das fontes que trabalhamos em nosso escrito.

Durante alguns momentos da pesquisa encontramos pessoas que afirmavam que a participação de Cascudo na Ação Integralista Brasileira não passava de lenda, o que de certa forma evidencia a funcionabilidade das estratégias de silenciamento adotadas pelo erudito. Ao silenciar esse momento de sua vida, Cascudo tentava desvencilhar sua imagem de qualquer participação em movimentos radicais. Levando em conta o fato de que o pensamento integralista não terá mais espaço após o início da Segunda Guerra Mundial, cabia, então, adotar tanto posturas como discursos democráticos com o claro intuito de distanciar sua imagem deste movimento, principalmente após o atentado ao Catete, no qual integralistas radicais atentaram contra Vargas a fim de deflagrar um golpe de Estado em 1938. A participação de Cascudo na AIB não foi lenda ou folclore, ela aconteceu e isso é evidenciado num artigo intitulado “Suborno...” publicado em *A República* de 04 de setembro de 1934 no qual Cascudo se define como “Chefe integralista” e “miliciano convicto”.

O engajamento de Cascudo na AIB não tem haver, necessariamente, com admiração por figuras como as de Hitler ou Mussolini, e seus respectivos regimes, aos quais muitos associam sua imagem. A admiração pela organização e pela administração de extrema direita adotada tanto na Alemanha como na Itália, não era incomum durante a década de 30 no Brasil, inclusive encontra-se diversos artigos elogiando a administração e a forma heróica na qual Hitler ressuscitou a Alemanha. O pensamento conservador e autoritário foi aceito pela

sociedade como uma forma lógica, séria e concreta de se fazer política não só no Brasil como em alguns outros países. No Brasil, Vargas, um governante autoritário e conservador, não manter-se-ia no poder por quase quinze anos se não tivesse o apoio e o suporte necessários. Cascudo sempre foi um admirador das posturas hierárquicas e centralizadoras, e acreditou nos anos 30 e 40 que a democracia levava ao poder aqueles que não possuíam a capacidade necessária de governar o país, pois, durante toda a vida, não foram preparados para assumir uma postura de líder, ao contrário dos filhos da elite que, teoricamente, seriam desde cedo preparados para os desafios da vida pública. Pensamento mais que compreensível de um homem que viveu alguns momentos da sua infância e adolescência cercado de práticas e ideologias conservadoras e autoritárias, além da admiração pela figura do pai que tão bem vivia no ambiente conservador da República Velha e que viu sua vida ser arrasada pela modernidade liberal, acarretando, inclusive, a sua morte em meados dos anos 30.

Os anos 30 na vida de Câmara Cascudo foram de grande efervescência, regados de rápidas mudanças em um curto espaço de tempo, agregando, inclusive, a perda do maior referencial de homem que Cascudo possuía. A morte do Coronel Francisco Cascudo, seu pai, foi um golpe profundo em sua trajetória de vida e, aliado a esse fato, estava o fator financeiro que, além de ter influenciado na morte do Coronel, agregou uma perda financeira considerável à vida de Câmara Cascudo.

Aliado a essa considerável gama de acontecimentos negativos, a AIB oferecia um atraente projeto cultural e político para aqueles que se consideravam vítimas da modernidade e de suas mudanças, e, devido à excessiva semelhança das idéias e práticas do erudito e dessa organização política, Cascudo encontra na AIB um espaço confortável para expressar seus pensamentos e ações. Isso fica evidente quando analisamos o conceito de cultura presente nos escritos do líder integralista Plínio Salgado e de Câmara Cascudo. Eles evidenciam o caráter tradicionalista e conservador com que ambos entendiam o conceito de cultura. Cascudo, por

ser um homem das letras do seu tempo, acreditava que um sujeito sem uma formação letrada não reunia condições básicas para entender o que era cultura ou como ela se estabelecia, isso fica claro quando comparamos as fontes analisadas, nas quais o erudito discute cultura, folclore e cultura popular, com as características descritas por Renato Ortiz, quando em *Românticos e Folcloristas* o autor caracteriza um folclorista como aquele que possuía as qualidades necessárias para entender os sentimentos da massa e traduzir de forma acadêmica, buscando vários entendimentos práticos e do cotidiano⁸⁸. Cascudo possuiu as características próprias de um estudioso da cultura popular do século XIX, e, utilizou-se dessa prática de pesquisa em prol da causa integralista, que buscava, e exaltava o nacionalismo em seus discursos, cabendo aos homens da sua posição identificar as origens que levariam ao entendimento da essência do ser brasileiro, indo justamente em contraposição ao internacionalismo defendido pelos comunistas de primeira linha que acreditavam na igualdade de todos homens, isso claramente não era o que pensava Câmara Cascudo.

A função de Cascudo dentro dos quadros da AIB é outro importante ponto alcançado em nosso estudo. O erudito potiguar não fez em seus artigos apologias aos movimentos xenófobos, anti-semitas e arianos (diferentemente de Gustavo Barroso). Seu papel dentro das publicações integralistas foi restrito ao posto de propagandista, defensor ideológico e principalmente de tradutor da linguagem culta dos líderes integralistas, de forma que seus discursos se adequassem ao entendimento da massa. Por ser um folclorista por opção, coube a Cascudo estabelecer as relações entre o pensamento integralista e o imaginário popular, referenciando e identificando nas práticas populares de cultura as raízes do sentimento nacional, as características do verdadeiro sentimento de nacionalidade.

Com o fim da AIB após o Golpe de 37, Cascudo estabelece uma aliança com o Estado Novo, principalmente através do Ministro Gustavo Capanema. Tal aproximação fazia com

⁸⁸ ORTIZ, Renato. *Românticos e folcloristas*. São Paulo. Olho d'água, 1992

que Cascudo fosse lembrado e angariasse espaço dentro do projeto do Ministério da Educação, o que lhe garantiria um espaço de publicação e atuação dentro de um Governo que passou a apoiar e depender da força letrada como legitimadora das ações e práticas do Governo de Getúlio Vargas.

O silenciamento da trajetória integralista de Cascudo deveu-se justamente a essa aliança com o discurso estado-novista, primeiro porque os integralistas passaram a ser perseguidos por Vargas após a tentativa de Golpe empreendida pela chefia da AIB em 1938 com a tomada do Palácio do Catete, além do fato de o Estado Novo ser o maior mecenas da cultura nacional, tanto para publicações quanto para a obtenção de cargos públicos na área cultural do Estado. Em segundo lugar, o Cascudo conservador (já aliado às práticas políticas do Estado Novo de Vargas) teve que dar lugar a um democrata após a aliança entre os governos do Brasil e dos Estados Unidos, que defendiam a bandeira da democracia e relacionavam em seus discursos as práticas autoritárias às ações nazi-fascistas, resignificando e reposicionando assim, os espaços produtores do discurso autoritário.

A imagem de Câmara Cascudo que é sempre dissociada da vida política norte-riograndense, está, na verdade, a esta associada, em alguns momentos, mais do que se imagina. A confusão que normalmente se faz entre partidarismo e participação política, associada à escassa quantidade de fontes referentes ao engajamento político de Cascudo levam a existência de uma ínfima quantidade de publicações referentes ao tema. Somente trabalhando com relatos orais, e somente utilizando os artigos integralistas de Cascudo, tornasse possível construir uma narrativa interpretativa para o período referente à participação de Cascudo na AIB. A falta desses cuidados é que criaram a imagem de um Cascudo ligado aos pensamentos totalitários europeus. Talvez a falta de um detalhamento teórico mais aprofundado e um melhor aparato metodológico acarretem uma interpretação superficial acerca do Cascudo integralista, resultando em trabalhos apressados e sem um aparato necessário para um estudo

mais sério e que não levem em conta apenas “achismos”, mas utilizem-se de um leque de informações que levem em conta o tempo vivido por Cascudo, sua formação e criação e sua situação frente às mudanças sociais ocorridas na sua vida durante os anos 30.

As peças verdes da biografia integralista de Câmara de Cascudo continuam, em sua maioria, submersa dentre as várias partes que compõe a narrativa de vida desse importante folclorista brasileiro. Com nossa pesquisa e nosso trabalho, conseguimos encaixar algumas peças desse tortuoso quebra-cabeça que continua a ser a vida de Cascudo, e, as peças verdes que encontramos, e que pretensamente encaixaram-se em nossa narrativa são apenas algumas peças de um complexo jogo que se irá completando com a colaboração de pesquisas posteriores. Não pretendo, de forma alguma, que meu trabalho tenha tido a intenção de se tornar algo definitivo sobre o momento da militância integralista de Cascudo, ao contrário, creio que ele tenha sido mais um primeiro exercício prático de pesquisa, que servirá de base para outros trabalhos que venha a fazer no futuro. A biografia verde de Cascudo continuará incompleta e continuará assim porque a memória e a história são lacunares, nunca dizem tudo, nunca podem dizer tudo. Apenas tecemos explicações para o sumiço de algumas peças verdes do puzzle de Câmara Cascudo que sempre foram melindrosamente silenciadas. Cascudo foi um objeto de estudo fantástico do ponto de vista de um historiador que em vez de se entristecer com sua intensa multiplicidade se sentiu mais atraído por esse comportamento camaleônico e onipresente. O meu esboço do integralista Cascudo é apenas uma pequena amostra do gigantismo de sua obra e de sua vida, da vida do maior e mais importante erudito potiguar, além de ser, apenas, uma narrativa que busca entender como e por que um importante e intenso momento de sua biografia conseguiu ser eficientemente silenciado.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. (3ª ed.). Recife: Fundação Joaquim Nabuco; São Paulo: Cortez, 2006.

_____. *De amadores a desapaixonados: eruditos e intelectuais como distintas figuras de sujeito do conhecimento no Ocidente*. Trajetos. Revista de História UFC. Fortaleza, vol. 3, nº 6, 2005.

_____. Sobre a relação de Câmara Cascudo e os corpos em sua obra ver: ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *Ágeis, irriquietos e buliçosos: o corpo do povo e outros corpos na obra de Luís da Câmara Cascudo*. Digitado. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/index2.htm>>. Acesso em: 14 jun. 2008.

_____. *Luís da Câmara cascudo em “As batalhas contra o Tempo”*: a biografia histórica de um erudito brasileiro (1898-1986). 2004. Projeto de pesquisa CNPq. Digitado.

AMARAL, Azevedo. *O Estado Autoritário e a Realidade Nacional*. (1ª ed.). Rio de Janeiro: José Olympio, 1938.

ARENDT, Hanna. *Origens do totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo e totalitarismo*. (6ª ed.). São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BARROSO, Gustavo. *Brasil – Colônia de Banqueiros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934.

_____. *Comunismo, cristianismo e corporativismo*. Rio de Janeiro: Empresa Ed. ABC, 1938.

_____. *Espírito do Século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

_____. *O integralismo Brasileiro de Norte a Sul*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934.

_____. *O integralismo e o mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *Esboço de auto-análise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 5. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

CALDEIRA, João Ricardo de Castro. *Integralismo e política regional: a Ação Integralista no Maranhão (1933-1937)*. São Paulo: Annablume, 1999.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. (1ª ed.). São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. São Paulo: EDUSC. 1999.

CAVALHEIRO, Edgard (org). *Testamento de uma geração*. Porto Alegre: Globo, 1944.

CASCUDO, Luis da Câmara. *Alma patrícia: crítica literária*. Edição fac-similar. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 1991. (Coleção Mossoroense, série C, n. 743).

_____. *Civilização e cultura*. São Paulo: Global, 2004. (1ª ed. Pela Global).

_____. *Histórias que o Tempo leva....* Edição fac-similar. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 1991. (Coleção Mossoroense, série C, n. 757).

_____. *Na ronda do tempo: diário de 1969*. Natal: Ed. da UFRN, 1998.

_____. *No caminho do avião... notas de reportagem aérea (1922-1933)*. Natal: EDFURN, 2008.

_____. *Pequeno manual do doente aprendiz: notas e maginações*. Natal: Ed. Da UFRN. 1998.

_____. *Prelúdio e fuga do real*. Natal: Fundação José Augusto, 1974.

_____. *Viajando o Sertão*. Natal: Imprensa Oficial do Rio Grande do Norte, 1934.

_____. *Viajando o Sertão*. Natal: Fundação José Augusto, 1975.

CHAUÍ, Marilena (org.); FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. *Ideologia e mobilização popular*. (2ª ed.). São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. (2ª ed.). São Paulo/Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

CORTEZ, Luiz Gonzaga. *Câmara Cascudo o jornalista integralista*. Natal: CCHLA/UFRN, 1995.

_____. *Cascudo o camisa verde*. (2ª ed.). Natal: Sebo Verde Amarelo, 2004.

_____. *Pequena história do Integralismo no Rio Grande do Norte*. (1ª ed.). Natal: Fundação José Augusto, 1986.

DIEHL, Paula. *Propaganda e persuasão na Alemanha Nazista*. (1ª ed.). São Paulo: Annablume, 1996.

ENGELS, Friederich. *Princípios do Comunismo*. (2ª ed.). São Paulo: Unitas. Coleção de Sociologia.

FALCON, Francisco. História e poder. In: CARDOSO, Ciro Flamarion (org.). *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FAUSTO, Boris (org.). *O Brasil Republicano: sociedade e instituições (1889-1930)*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. v.2, t.3.

FAUSTO, Boris. *O pensamento nacionalista autoritário*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor 2001.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. (12ª ed.). São Paulo: Loyola, 2005.

_____. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997. (32ª ed.).

_____. Nietzsche, a genealogia e a história. In: _____. *Microfísica do poder*. (22ª ed.). Rio de Janeiro: Graal, 2006.

_____. *O que é um autor?*. (4ª ed.). Lisboa: Vega, 2000.

FREITAS, Marcos Cezar de (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.

_____. *Integralismo: fascismo caboclo*. São Paulo: Cone, 1998.

GOEBBELS, Joseph. *O Bolchevismo na teoria e na prática*. 1936.

GOMES, Edna Maria Rangel de Sá. Anexos. In: _____. *Correspondências: leitura das cartas trocadas entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade*. 1999. 125p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1999.

HITLER, Adolf. *Minha luta*. (5ª ed.). São Paulo: Centauro, 2005.

HOBSBAWM, Eric. *A invenção das tradições*. (3ª ed.). São Paulo: Paz e Terra, 2002.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Para uma nova história*. São Paulo: Fundação Percecu Abramo, 2004.

JENKINS, Keith. *A história repensada*. São Paulo: Contexto, 2001.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. (4ª ed.). Belo Horizonte/São Paulo: Autentica, 2006.

- LENIN. *Karl Marx*. Rio de Janeiro: Pongetti. Coleção Minha Livraria.
- LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. (org.). *Usos e abusos da história oral*. (5ª ed.). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.
- LIMA, Alceu Amoroso. *Mitos do nosso tempo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943.
- LIMA, Diógenes da Cunha. *Câmara Cascudo um brasileiro feliz*. Natal: RN Econômico, 1978.
- MAMEDE, Zila. *Luís da Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual, 1918-1968*. Natal: Fundação José Augusto, 1970. 3t.
- MELO, Veríssimo de (org.). *Cartas de Mario de Andrade a Luis da Câmara Cascudo*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Itatiaia, 2000.
- MICELI, Sérgio (org.). *Estado e cultura no Brasil*. São Paulo: DIFEL, 1984.
- _____. *História das Ciências Sociais no Brasil*. (2ª ed.). São Paulo: Sumaré, 2001. v.1.
- _____. *Poder, sexo e letras na República Velha*. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974)*. (1ª ed.). São Paulo: Ática, 1977.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. (4ª ed.). São Paulo: UNICAMP, 1997.
- _____. *Terra à vista: discurso do confronto velho e novo mundo*. São Paulo: Cortez; Campinas: UNICAMP, 1990.
- OLIVEN, Ruben George. A Relação estado e Cultura no Brasil: cortes ou continuidades?. In: MICELI, Sérgio. *Estado e cultura no Brasil*. São Paulo: Difel, 1984.
- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. (2ª ed.). São Paulo: Brasiliense, 1986.
- _____. *Românticos e folcloristas*. São Paulo. Olho d'água, 1992.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). *Fronteiras do milênio*. (1ª ed.). Porto Alegre: EDUFERS, 2001.
- PLEKANOV. *A concepção materialista da História*. Rio de Janeiro, 1931.
- REGIS, João Rameres. *A Ação Integralista Brasileira: um caso de polícia? Trajetos*. Revista de História UFC. Fortaleza, vol. 3, nº 6, 2005.
- SALGADO, Plínio. *A Quarta Humanidade*. Rio de Janeiro: Olympio, 1934.

SALIBA, Elias Thomé. *As utopias românticas*. (2ª ed.). São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

SERRES, Michel. *Diálogos sobre a ciência, a cultura e o tempo*. Lisboa: Quadratim, 1996.

TRINDADE, Hélió. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: DIFEL, 1974

VELLOSO, Mônica Pimenta. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo. In: FERREIRA (org). *O Brasil Republicano*; vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003

VERÍSSIMO, Érico. *Solo de clarineta*. (19ª ed.). São Paulo: Globo, 1987.

VILHENA, Luis Rodolfo. *Projeto e missão: o movimento folclórico brasileiro*. Rio de Janeiro: FGV / FUNARTE, 1997.